3
A INFÂNCIA DOS BASTIDORES

O desejo de "entrar para a televisão" é mais um dos efeitos dessa "nova" infância — a contemporânea —, que, mais antenada com o mundo adulto, acaba por compartilhar com este ideais similares. Para além de uma análise que confira um sinal positivo ou negativo a tal realidade, interessa-nos problematizar essa experiência. Como um recorte da infância contemporânea, a infância dos bastidores parece-nos material rico de análise, que se relaciona com o universo da mídia de duas formas: como audiência e como trabalhador. Se essa criança dos bastidores passou de audiência para artista, que infância passa a ser vivida por ela? As questões sobre as relações entre adulto e criança, sobre a sua relação com os ideais midiáticos e sobre o trabalho infantil atravessam essa experiência e instigam o nosso olhar.

A tensão constante com a qual nos deparamos na discussão teórica reproduzida no capítulo 2 está presente e parece ser corroborada pela experiência vivida no campo de pesquisa. O que caracteriza a infância contemporânea? A perda de um status social que a protegia do mundo adulto inadequado às suas capacidades ou a libertação de uma exclusão imposta pelos adultos, favorecida pelo novo contexto tecnológico e midiático? A mídia em suas vidas constitui algo destrutivo ou algo que lhes dá espaço de expressão e representatividade social? Estas são perguntas que aqui também permanecem sem uma resposta única e definitiva, até porque não é esse o objetivo deste trabalho. O que se pretende aqui é, antes, problematizar um universo de experiência infantil dentro da indústria da mídia.

A relação adulto/criança será tomada como pano de fundo de nossa análise. Trata-se de uma questão que atravessa toda a discussão sobre infância, na medida em que entendemos tais categorias como contingentes, ou seja, que ganham seus próprios contornos na relação com o outro alteritário. Como nos diz Jobim e Souza:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

> A criança precisa do adulto, enquanto um "alter", como um "outro" diferente, para se constituir como sujeito e se lançar continuamente para além de si mesma em busca de seus projetos e utopias. Por outro lado, a criança também encarna um "alter" para o adulto. Sendo a infância a humanidade incompleta e inacabada do homem, talvez ela ainda possa nos indicar o que há de mais verdadeiro no pensamento humano: a sua incompletude, mas, também, toda a criação que se prenuncia, a invenção do possível (Jobim e Souza, 2000, p. 97).

É da negociação dos papéis de cada um nessa relação alteritária que se produzem os mais diversos discursos sobre a infância. Não podemos nos esquecer de que se trata, também, de uma negociação em torno da questão do poder, como nos alerta Buckingham (2000). E, como tal, podemos dizer ainda que a criança vem, de uma forma geral, perdendo terreno nessa disputa. A infância da qual Postman nostalgicamente lamenta a perda em nossa vida contemporânea, foi uma infância forjada numa ideologia desenvolvimentista que a condenava a um lugar de "'débito social cultural' que lhe é atribuído frente à tarefa de crescer..." (Castro, 2001, p. 20). Ideologia esta, que nos impede de colocá-la no lugar de agente social realmente influente, como os adultos; uma infância reconhecida, no âmbito público dos direitos e da cidadania, como cidadã de direitos, sim, mas que, paradoxalmente, não teve a sua voz ouvida em tal processo; uma infância que estaria sendo massificada e homogeneizada pela lógica implacável do consumo, veiculada pela mídia, como alertam tantos autores que se dedicam a pensar a infância contemporânea.

Lucia Rabello de Castro (2001), em seu ensaio "Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura", aponta-nos uma saída para a mudança de paradigma que exige a contemporaneidade. Ao invés da lógica desenvolvimentista que caracteriza a definição naturalizada da infância moderna, ela nos propõe o conceito de *ação*, baseado nas idéias de Weber e Arendt, para pensarmos as diferenças entre adultos e crianças, sem que isso implique uma visão adultocêntrica que as exclua do cenário social. Para torná-las visíveis de outra forma na mídia, na vida da cidade e no âmbito político das decisões, é preciso reconhecer em suas diferenças em relação aos adultos, não uma incapacidade previamente determinada numa *norma*, mas a sua singularidade enquanto *agente social*. Assim, tanto adultos quanto crianças participam da estruturação do tecido social com suas *ações,* inconscientes ou não, que constroem e reconstroem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

continuamente o coletivo e, ao mesmo tempo, deixam as marcas de suas singularidades.

> Assim, quando pensamos a ação humana estamos nos referindo ao processo mesmo de constituição dos sujeitos humanos — adultos e crianças — inseridos num mundo de valores e de normas, onde também a sociedade e a cultura se estruturam. Deste modo, a ação da criança nunca pode ser tomada isoladamente, no vácuo social e cultural produzido experimentalmente, onde ela é considerada como produto e resultado das "influências sociais e culturais externas". A ação da criança produz-se na constituição da própria sociedade e cultura onde a criança se insere, cujo sentido ultrapassa o individualmente concebido por seu agente, na medida em que este sentido, mesmo que identificado pelo agente, é construído num âmbito muito mais amplo do que a atividade do agente. A atividade se torna, assim, ação, porque passa a se inserir na inteligibilidade histórica construída coletivamente onde cada agir passa a fazer sentido (Castro, 2001, p. 32).

Essa perspectiva ainda coteja, como Rabello mostra a partir das idéias de Arendt, a dimensão singular da ação como capacidade exclusivamente humana de *"revelar-se frente a um outro sujeito humano"* (*Idem*, p. 32)[1] com a marca de sua expressão singular e identitária. Diz ainda que a singularidade ao agir implica a imprevisibilidade que é inerente a toda origem, onde é capaz de realizar-se o "infinitamente improvável". Tal compreensão nos leva à idéia de um mundo em permanente construção, onde é impossível "prever o resultado final do curso das ações humanas" (*Idem*, p. 34).

O grande perigo para os sujeitos, nessa perspectiva, é o do isolamento que pode levar à tirania, uma vez que retira o sujeito do espaço de convivência da *polis*, onde cada um deixa sua marca singular "garantindo a existência coletiva da pluralidade" (*Idem*, p. 35). A criança, segundo a autora, foi alijada do espaço da coisa pública e dos interesses da vida em comum. Esse isolamento também se faria presente no "processo de individualização crescente no contemporâneo" (*Idem*, p. 36), tanto nas crianças quanto nos adultos, quando o gosto individual ganha, na sociedade de consumo, o caráter de categoria identificatória onde estão introjetados os valores desta cultura do consumo.

> Assim, a presença das crianças no mundo e na vida social se torna duplamente obstaculizada: em primeiro lugar, a cultura contemporânea de consumo perfaz um isolamento destes sujeitos valorizando identificações 'separadas' e 'individualizadas'; em segundo lugar, as condições estruturais de inserção da

[1]Grifo da autora.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

> criança no mundo não lhes favorece uma participação mais imediata e legitimada, uma vez que, enclausurados nos espaços de aprendizagem e proteção, elas são vistas como ainda aguardando uma posição ulterior de participação e responsabilidade (Castro, 2001, p. 36).

Mesmo assim, segundo a autora, a criança deixa as suas marcas como agente de construção do mundo, ainda que suas ações estejam "sintomatizadas pelo discurso do adulto quando, por exemplo, a torna invisível, opaca ou menorizada..." (*Idem*, p. 35). É nessa perspectiva da diferença entre crianças e adultos enquanto protagonistas da *ação* na construção de um mundo comum, que Rabello convida a Psicologia da infância a encampar uma nova agenda:

> Uma agenda para uma Psicologia da Infância incluiria, portanto, a permanente investigação dos processos de transformação em que estão imersos os sujeitos, se produzindo a si mesmos, como também a cultura. Esta psicologia da Infância teria, por certo, a tarefa de produzir "'narrativas' do presente", ou seja, compreensões localizadas e parciais da nossa época sem a preocupação da torná-las teorias que dêem conta da totalidade, ou que assumam algum tipo de previsão do futuro (Castro, 2001, p. 43).

Acredito que essa pesquisa da experiência dos bastidores se apresenta como participante desta "nova agenda para a Psicologia Infantil" proposta pela autora. Acredito também que a visão de infância que explicito, na prática como psicóloga, baseada nas idéias de Bakhtin, Benjamin e Larrosa, estão aqui novamente presentes, em minha prática como pesquisadora. Segundo esses paradigmas, uma pesquisa que se apóia sobre o discurso produzido a partir da interlocução entre adultos e crianças em um contexto específico tem em mãos enunciados que "realimentam a ideologia do cotidiano" (Jobim e Souza, Castro, 1997/8, p. 88). Tal material é atravessado pelas "identificações funcionais genéricas" (*Idem*, p. 97) que estabelecem lugares sociais predeterminados para adultos e crianças, onde estes se identificam e se reconhecem de antemão. No entanto, uma pesquisa dialógica, que pretenda pesquisar **com** a criança, e não o objeto-criança, precisa estar aberta a surpresas e, com elas, à constante transformação, uma vez que não há verdades apreensíveis para além do próprio encontro de enunciados.

> Como foi possível constatar, crianças e adultos re-significam o que é "sempre igual" nas interações sociais e nas formas culturalmente tácitas de circulação do subjetivo, deixando que a ambivalência e a contraditoriedade penetrem no

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

> discurso, sinalizando, deste modo, a possibilidade de enquadramentos relacionais mais heterogêneos, e abrindo para novas manifestações de acordos intersubjetivos. Portanto, em nossas análises temos tomado a linguagem como um espaço de tensão em que o sujeito está permanentemente colocando à prova a sua capacidade de se submeter ou de subverter, de singularizar-se ou assujeitar-se. Neste sentido é que podemos afirmar, apoiados na concepção de linguagem desenvolvida por Mikhail Bakhtin, que tanto o sujeito como as ideologias se constituem mutuamente e continuamente na história, sendo, portanto, decorrências diretas dos usos que fazemos da linguagem no cotidiano das práticas sociais (*Idem*, p. 111).

A partir de tais premissas, podemos dizer que os fragmentos do campo, expostos neste trabalho, procuram demonstrar um duplo acontecimento calcado nas interações adulto-criança: a procura de uma delimitação do que seja essa experiência da infância dos bastidores e, ao mesmo tempo, as transformações que a própria presença do psicólogo-pesquisador e das crianças opera neste universo. Já sabemos quem é esse psicólogo-pesquisador e que idéias sobre a infância são trazidas por ele. Mas e essas vinte crianças com quem o trabalho foi feito? O que as caracteriza enquanto grupo?

Nossos protagonistas, as crianças. Descrição dos personagens

Os personagens desse campo são vinte crianças com as quais trabalhei durante três anos. Além delas, os responsáveis que as acompanhavam nas gravações. Trabalhei em dois diferentes programas, somando três diferentes equipes. Entre diretores gerais, de núcleo e diretores do programa somam-se oito diferentes profissionais. Levando em consideração que cada equipe é composta de mais ou menos cinqüenta pessoas ao todo e que algumas delas estiveram presentes em mais de uma das equipes com as quais tive contato, podemos calcular que o universo soma aproximadamente cem profissionais de todas as áreas pertencentes a uma equipe de produção.

Dessas vinte crianças, apenas duas eram de classe média alta, moradoras de bairros nobres em suas respectivas cidades. As outras dezoito variavam de classe média baixa para classe C. Dezoito delas estudavam em escolas particulares de suas respectivas regiões (todas, com exceção de uma, tinham bolsas integrais ou parciais). Cinco delas tinham os pais ainda casados. Uma delas tinha o pai falecido, outra não tinha mais contato com ele, e as outras pais separados. Quatro crianças tinham acesso à internet, sendo que duas delas compraram seus computadores com seus salários, ou seja, enquanto trabalhavam. Suas idades variavam entre quatro e quatorze anos. Com exceção de uma criança, todas já tinham trabalhado antes na mídia (inclusive a menor, de quatro anos) quando as conheci. Todas, sem exceção, gastavam grande parte de seu tempo livre vendo televisão, mas também brincando de outras coisas, como boneca, futebol, pipa etc. Metade dessas vinte crianças nunca tinha ido ao teatro (quando nos conhecemos), e quatro ainda não tinham sido levados ao cinema. De todas elas, excetuando duas que ainda não estavam em idade de alfabetização,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

apenas três crianças apresentavam o hábito da leitura além do exigido na escola e dos textos para as gravações.

No primeiro programa a rotina de gravações era de um dia na semana (sábado) e um dia para ensaio (sexta feira). Em parte porque se tratava de um programa semanal e também porque três das crianças do elenco vinham de outros estados. Aos sábados as gravações duravam de oito a dez horas, com intervalos para lanches e brincadeiras que fazíamos enquanto esperávamos a hora de gravar.

No segundo programa, diário na grade de programação, a semana de trabalho ia de segunda a sábado, sempre após o colégio (de onde saiam diretamente, na maioria das vezes). O dia de trabalho era de seis horas, geralmente, podendo variar para mais ou menos, de acordo com o cronograma de gravações.

Com exceção de uma criança, os salários mensais ficavam entre R$ 1 mil e R$ 1,5 mil.

Essa é uma tentativa de expor algumas características que comungavam como grupo e que nos ajudam a contextualizá-las em suas realidades socioculturais e de interação com a mídia como audiência, como propõe Buckingham para os pesquisadores da infância.

Para pensarmos a experiência da "infância dos bastidores", pensaremos, antes, em quais seriam as características de seu contexto midiático, ou seja, que tipo de relação essas crianças teriam estabelecido com a TV como audiência. Supomos que refazer essa trajetória seja importante para compreendermos o desejo dessas crianças de passar de audiência a profissionais nos bastidores, como também para construirmos o que seria uma identidade para elas, levando-se em conta seu contexto social e cultural.

Como já dissemos antes, com a ajuda de nossos interlocutores teóricos, há várias razões para que o conteúdo e a estética da televisão influenciem a construção de nossos valores sociais e, conseqüentemente, o que almejamos e desejamos para as nossas vidas. Na psicanálise, encontramos uma reflexão sobre a importância das imagens em nosso processo de subjetivação e construção dos laços sociais. A ação do consumo e, conseqüentemente, da mídia em nosso cotidiano também já foi debatida como determinante de nossos desejos, identificações e ações.

Podemos dizer que na sociedade brasileira (e também em outras sociedades ocidentais que funcionam sob a égide do consumo), trabalhar na mídia, tornar-se famoso ou, para usar uma palavra mais em voga, uma celebridade, é uma mercadoria, "no varejo das imagens" que consumimos diariamente, das mais valiosas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Uma pesquisa feita pelo Instituto Qualibest em todo o país e publicada em reportagem da revista *IstoÉ*[2] mostra que 40% de 414 entrevistados "assumem o desejo de sair do anonimato". Entre esses, 54% admitiram estar dispostos a "pequenas loucuras" para atingir este objetivo e 8% acreditam que estar perto de acontecimentos onde haja a presença da TV é a principal estratégia para aparecer. A mesma proporção admite "fazer o possível e o impossível para entrar em festas badaladas". Na mesma reportagem encontramos artistas e agentes discutindo suas estratégias para conquistar e administrar a fama. Fica claro em seus discursos que se trata, antes de tudo, de um mercado onde os famosos ou aspirantes à fama se tornam mercadorias a ser negociadas, como produtos a serem trabalhados ou "adquiridos", na forma de sua presença em eventos.

Se concordamos que o contexto contemporâneo ampliou o contato cotidiano da criança com a televisão (e outras mídias) — seja porque tem uma linguagem que não exige aprendizagem, como diz Postman, seja porque seu tempo livre foi privatizado e sua casa equipada tecnologicamente, como mostra Buckingham —, podemos concluir que os ideais midiáticos povoam tanto o universo infantil quanto o universo adulto.

No entanto, devemos resistir à tentação da generalização dos efeitos que o acesso aos conteúdos da mídia pode provocar. Nesse sentido, Sampaio (2000), em seu livro *Televisão, publicidade e infância*, nos diz que essa ampliação pode ter implicações diversas, como o desenvolvimento de sentimentos de insegurança por se entrar em contato com temas que entram em choque com a compreensão ou o cotidiano da criança, ou, por outro lado, relativizar suas experiências, aumentando sua tolerância com o diferente. Diz ainda:

> Essas duas possibilidades do consumo de TV da criança e do adolescente não são excludentes. A noção de uma tensão permanente entre essas duas vertentes traduz de modo mais adequado a vivência dessa dubiedade pelas crianças e adolescentes. São, ainda, inúmeros os fatores que podem contribuir num ou noutro sentido, tais como: a natureza das programações a que a criança tem acesso; os níveis de acompanhamento do consumo de TV pelos adultos responsáveis; o seu interesse e abertura ao diálogo sobre as comunicações da mídia; etc. (Sampaio, 2000, p. 188).

[2]Revista *IstoÉ* publicada em 10 dez. 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

No caso brasileiro as estatísticas apresentadas indicam que 85% dos lares brasileiros têm pelo menos uma TV e, em cada um deles, moram em média duas crianças (Carmona, 2002, p. 332). Sampaio (2000, p. 54) faz ainda uma distinção dessas estatísticas relacionadas ao meio urbano ou rural: "Se a média nacional de domicílios com TV é de 86,7%, nas regiões mais urbanas e industrializadas como São Paulo, essa média atinge 94,6%...".

Tais dados revelam, mais uma vez, a necessidade de se pensar a infância, levando-se em consideração a sua relação com o seu contexto midiático, como um conceito impossível de ser generalizado. Nesse sentido, Sampaio concorda com Buckingham e, a partir da análise comparativa dos equipamentos existentes no quarto de uma criança da classe A ou B brasileira, conclui:

> Essa discrepância relativa às possibilidades do consumo desse segmento sinaliza a necessidade de se pensar não em termos de um cotidiano infantil genérico, mas em se refletir a vivência da infância e da adolescência como uma experiência distinta para grupos sociais diversos da nossa sociedade (Sampaio, 2000, p. 156-57).

O que essas crianças estão vendo em suas televisões? Que imagens e que contexto de interação com a mídia estão presentes em suas vidas que justificariam a nossa hipótese de que se criou nelas um desejo de passar de audiência para artista?

Programas como os da Xuxa e da Angélica na década de 80 e 90 talvez tenham contribuído com algumas mudanças importantes na relação da TV com o telespectador-criança. Segundo Beth Carmona (2002), trata-se de um formato de programa infantil muito bem sucedido comercialmente, o que fez com que passasse a ser copiado não só no Brasil, como em toda a América Latina.

No formato desses programas haveria um apelo intrínseco à fusão entre realidade e fantasia, já que as apresentadoras não se furtavam em trazer para a tela a sua intimidade. Passavam assim a funcionar como verdadeiros modelos, na medida em que atrelavam à sua imagem o *glamour* da fama e a naturalidade da "pessoa física" — uma naturalidade baseada na bondade, na alegria e em todos os valores moralmente elevados.

Atrelados a essa imagem-modelo estavam todos os produtos oferecidos para que a criança se tornasse mais parecida com o seu ídolo. A roupa, o sabonete, o biscoito, tudo isso, consumido, me traveste de meu modelo. O "faz de conta",

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

instrumento comum do imaginário infantil, pode passar a não satisfazer a criança seduzida nessa relação de consumo. A identificação deve ser material e o mais próximo possível da realidade.

Outra característica do formato desses programas era a presença de crianças no cenário, gerando para elas a possibilidade de entrar na TV e brincar com o ídolo, aproximar-se fisicamente dele e, mais tarde, ainda assistir ao "seu próprio espetáculo" em sua própria TV. Essa experiência pode ter significado a ultrapassagem de uma barreira antes muito distante. É possível que esse novo formato também tenha afetado a relação que essa geração de crianças experimenta com a TV: entrar na TV já não é mais pura imaginação, mas sonho perfeitamente realizável.

A presença da criança na televisão vem mudando muito. Segundo Sampaio, a partir dos anos 80 passamos a ter cada vez mais crianças ocupando espaço na mídia.[3] Para a autora, esse fato estaria diretamente relacionado à mudança do status da infância enquanto nicho de mercado consumidor, enquanto audiência a ser seduzida.

> É a descoberta, portanto, do enorme potencial de consumo e do adolescente que funciona como mola propulsora da sua presença e expressividade nas esferas públicas mediáticas. Por um lado, verifica-se a extensão das ofertas de comunicação dirigidas à criança e ao adolescente. Tanto programações tradicionais do público passam a incluir ingredientes atrativos para esse segmento de público quanto as propagandas a ele dirigidas proliferam na mídia. Por outro lado, a criança e o adolescente ganham espaço na mídia como apresentadores na programação infantil, atores com presença acentuada nos diversos gêneros (novelas, minisséries, comédia, etc.), entrevistados em *talkshows*, anunciantes de produtos e serviços, garotos(as)-propaganda em campanhas de utilidade pública ou governamentais etc. (Sampaio, 2000, p. 150).

A autora continua mostrando que a participação infantil nas novelas não só aumentou em número, como também em importância, levando as crianças de papéis coadjuvantes para papéis protagonistas, bem como influenciando o conteúdo do gênero com novelas destinadas a esse público específico, como "Vamp"[4] ou "Chiquititas".[5] Sua maior presença em *talkshows* também revelaria

---

[3]Ainda que saibamos que elas estão na telinha há muito tempo. No "Dicionário da TV Globo", vol. 1, elas estão presentes desde o primeiro programa registrado em 1965: "Uni Duni Tê", apresentado por uma professora e ambientado numa sala de aula com crianças.

[4]Novela exibida na Rede Globo entre os anos de 1991 e 1992 (Dicionário da TV Globo, vol. 1, p. 196.

[5]Novela exibida no SBT desde 1995.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

seu novo status de "mini-personalidades" (*Idem*). Tudo leva a crer que esse novo status da exposição infantil na mídia só contribui para aumentar a procura das crianças e de seus pais por uma oportunidade de "entrar para a televisão", reforçando, para as crianças, a glamourização dessa atividade.

É esse o viés explorado por um novo filão do mercado para crianças, um filão que vem crescendo a olhos vistos: o das agências infantis, que, hoje em dia, também estão na mídia, anunciando em rádios, revistas e na própria televisão, prometendo transformar as crianças em estrelas mirins, a exemplo dos seus agenciados "já famosos". Seus *sites*, disponíveis na internet,[6] destinam-se tanto às crianças interessadas quanto às produtoras à procura de elenco — as duas pontas de sua clientela. Apesar de não deixarem isso explícito nos *sites*, seus testes e *books* (fotográfico ou digital) são pagos, mesmo antes de ter a criança qualquer garantia de retorno. Há agências que vão além, produzindo elas mesmas eventos e programas de televisão. O que tais agências vendem e exploram é esse desejo de passar a fazer parte do "Olimpo contemporâneo" que parecemos ter construído em torno do mito das celebridades.

O nosso "Olimpo contemporâneo" é o mundo glamourizado das celebridades. Segundo Coelho (1999), a condição de famoso em nosso contexto da indústria de comunicação de massas funcionaria, analogamente, como a categoria dos líderes carismáticos, com a diferença de que os famosos não estão levantando uma bandeira ou interessados em angariar seguidores. A fama cria liderança à revelia do sujeito famoso, seguindo o processo de mitificação entendido segundo as idéias de Eco — "... um processo inconsciente de significação, em que a uma imagem ou objeto são atreladas 'tendências, aspirações e temores' de uma comunidade. Assim, o mito aparece como uma criação coletiva, ou seja, como uma imagem investida de significações particulares a um determinado grupo social em uma época histórica específica" (Coelho, 1999, p. 106).

O artista de televisão ocupa esse lugar de mito-celebridade — categoria social que se estende a todos os que tenham, mesmo que apenas por um curto período de tempo, espaço de exposição na mídia. Enquanto tal, passa de uma condição anônima a um lugar de singularidade social que lhe concede privilégios,

[6]Como exemplo, ver os sites das agências <http://www.talentosbrilhantes.com.br> e <http://www.topkids.com.br>.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

ou seja, o "ser famoso" e a sua máscara (sua imagem) o fazem ascender na hierarquia social. Esse tema, tão atual, passou a ser até mesmo conteúdo da própria TV, como é o caso da novela "Celebridades" da Rede Globo. Como os deuses gregos — poderosos, mas humanizados —, as celebridades e suas trajetórias podem ser vistas, analogamente, como uma espécie de mitologia contemporânea.

O dinheiro é parte importante do mito. Numa realidade como a brasileira, de tanta desigualdade social, devemos levar em consideração que a entrada para a mídia pode ser, sobretudo, uma oportunidade de mudança efetiva de condição financeira e social. Isso pode ser interpretado como um dado importante quando nos deparamos com a predominância de crianças de classes mais baixas nos bastidores, como indica a estatística apresentada sobre o grupo de nossa pesquisa. Assim, fama e dinheiro atraem crianças e seus responsáveis para os bastidores. Oportunidade e chance aparecem como palavras-chave para a compreensão desse movimento migratório das crianças: de fora para dentro da televisão.

A prevalência, ao menos no grupo pesquisado, de crianças de uma classe social mais baixa, com um contexto cultural limitado, onde predomina a presença da própria televisão como estimulador, leva-nos novamente ao encontro das idéias de Buckingham (2000) sobre a pesquisa da relação criança/mídia e sua impossibilidade de generalização. Assim, se privilegiamos o ambiente midiático como vetor de compreensão da infância contemporânea, não podemos homogeneizar tal categoria, uma vez que encontraremos no cotidiano das crianças realidades muito distintas. Essas realidades criam audiências infantis com capacidades críticas e criativas em relação aos usos que fazem da mídia, conseqüentemente diferentes. Falando especificamente da relação da criança com a televisão, o autor diz, por exemplo, que a audiência infantil que tem acesso à TV a cabo é uma audiência diferente da que não a tem. Sua forma de assistir à televisão seria diferente, e diferentes os efeitos da TV sobre o seu comportamento. Poderíamos fazer uma analogia com a distinção que Buckingham faz entre "rich information" e "poor information" (Buckingham, 2000, p. 57) ao tratar da relação da infância com os computadores. Diz ele que a diferença não estaria apenas no acesso ao equipamento em si, mas no acesso à cultura em torno dele. É esse acesso que garantiria usos mais criativos e potencializadores dos talentos que os ditos "entusiastas" da mídia proclamam como característica intrínseca à criança

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

contemporânea. Proponho que façamos essa analogia definindo que existem diferenças entre uma "audiência rica" e uma "audiência pobre". Isso quer dizer que existiriam diferenças, concernentes aos seus contextos culturais, no tipo de relação que estabelecem com a televisão em seus cotidianos. Essa hipótese parece encontrar eco nas teorias que defendem que entre a audiência e a TV existem mediadores sociais e culturais, tais como pais, escola e amigos (Canclini, 1995). Esses mediadores evitariam uma concepção determinista e generalizante dos efeitos da mídia em sua audiência. Essa mediação, por sua vez, é capaz de determinar as diferenças entre as audiências infantis.

Sampaio parece ir na mesma direção ao apontar o perigo das generalizações quando se está no terreno da infância contemporânea e de sua íntima relação com a mídia. "Nesse sentido, a nossa opção é por considerar vivências de infância e adolescência diversas, compreendendo a relação da criança e do adolescente com a mídia inserida nessa diversidade" (Sampaio, 2000, p. 161). A autora também ressalta que a discussão sobre o acesso infantil à mídia não deve se restringir ao seu conteúdo, uma vez que o processamento de tal material pelas crianças vai depender do seu contexto familiar e social.

Para dar conta dessa diversidade, a autora cria categorias de vivência da infância, baseada em alguns aspectos, tais como "renda familiar, inserção no sistema educacional e amparo familiar ou institucional, inserção dos pais no mercado de trabalho, o contexto de moradia rural ou urbano e a questão étnica e de gênero" (Sampaio, 2000, p. 162). Ainda que tais aspectos levem a autora a propor seis diferentes categorias, usaremos apenas três, que falam especificamente das experiências que encontramos no nosso grupo da pesquisa. São elas: "1) infância e adolescência públicas; 2) infância e adolescência protegidas; 3) infância e adolescência parcialmente protegidas..." (*Idem*).

Na categoria 1 estariam todos os sujeitos de nossa pesquisa, uma vez que ela inclui exatamente as crianças que estão trabalhando na mídia. Segundo a definição de Sampaio, são crianças que entram na vida pública precocemente, assumindo relações de trabalho no âmbito da mídia. Geralmente têm o amparo da família, e o dinheiro ganho não é destinado ao sustento familiar. As atividades profissionais reconfiguram sua inserção escolar. "Essa é uma infância glamourosa, cercada de aplausos, fama e dinheiro, mas, também, de muita competição, disputa, trabalho, compromissos desgaste físico e emocional" (*Idem*, p. 162).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Paradoxalmente, segundo Sampaio, são crianças que deixam de se relacionar com a mídia como audiência, em razão de suas múltiplas responsabilidades. Essa é uma hipótese razoável: uma vez nos bastidores, seu consumo de mídia como audiência diminui. Mesmo assim, a própria autora chama a atenção para o papel central que a mídia continua tendo na organização de seus cotidianos e no que passam a representar para a audiência: "A expressividade numérica dessas crianças e adolescentes é também reduzida, mas não o significado da sua participação nas esferas públicas mediáticas. Eles são os modelos de um sucesso precoce a ser perseguido" (*Idem*, p. 164), ou seja, passaram a fazer parte do "Olimpo contemporâneo".

No entanto, a autora também reconhece outro tipo de importância e influência exercidas por essa categoria infantil em projeção na mídia. Falando mais especificamente da publicidade, Sampaio analisa a presença da criança na mídia em termos de sua participação social. Dessa forma, a criança que está na TV com a tarefa de seduzir ou convencer a audiência está, ao mesmo tempo, assumindo uma responsabilidade no domínio público. Ainda que seu discurso, nesses casos, seja produto de publicitários adultos, ele é fruto de pesquisas de opinião junto ao consumidor infantil, o que, segundo a autora, lhes confere alguma legitimidade.

> Desse modo, a criança não somente aparece, na publicidade, no sentido de que ela ganha uma visibilidade crescente, mas ao fazê-lo ela assume um lugar próprio de interlocução pública. Ela adquire o direito de ser ouvida publicamente, postula o reconhecimento do seu discurso e institui uma forma específica de participação (Sampaio, 2000, p. 154).

Levando em consideração as categorias propostas pela autora, poderíamos relacionar a "audiência rica" (que sugerimos como categoria de análise baseada nas idéias de Buckingham), com a categoria "infância e adolescência protegidas", que Sampaio descreve como sendo a categoria à qual, em geral, nos remetemos mais diretamente quando se pensa numa representação de infância. É a infância tutelada e sustentada pelos pais, que tem seus estudos custeados por eles — principal obrigação e responsabilidade em suas vidas. É essa criança que aparece predominantemente representada na mídia e é principalmente a ela que o mercado se dirige. É essa a imagem da infância que serviria de modelo de massificação. É essa infância que tem o maior acesso às novas tecnologias e ao melhor preparo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

para lidar com elas. São essas crianças que os "entusiastas" descrevem como "audiência ativa", difícil de manipular e seduzir, pois seriam altamente "letrados nas novas mídias", conhecedores de seus textos e usos criativos (Buckingham, 2000).

Esse não é o caso de nosso grupo de pesquisa. Em seus cotidianos midiáticos a televisão ocupava um lugar central, e os "mediadores", por sua vez, demonstravam tanto fascínio e sedução pelo veículo quanto as próprias crianças, o que nos faz pensar na hipótese de se ter constituído nesse grupo uma audiência mais próxima do que denominamos como "audiência pobre", ou seja, uma audiência caracterizada por "mediadores culturais" que não favorecem uma relação crítica com os conteúdos da TV e que, assim, acabam por contribuir para uma maior valorização e sedução pelos "ideais midiáticos". É desse ponto de vista que, talvez, possamos entender a prevalência de crianças de classes mais baixas nos bastidores — crianças e responsáveis que valorizam mais a oportunidade de "ouro" que enxergam na atividade das crianças na mídia, do que o sacrifício de seu tempo de brincar e de, supostamente, não ter tantas responsabilidades e pressões.

Assim, encontramos nesse grupo de crianças dos bastidores um interesse e um conhecimento muito grandes em relação à vida das celebridades e suas trajetórias de sucesso, e por outro lado, muito pouco contato com outras dimensões do trabalho artístico para além do glamour propagado pela própria mídia. Tal estado de coisas leva-os à uma idealização do sucesso, contribuindo para as identificações com tais "personagens" e, conseqüentemente, para o desejo de se tornarem um deles.

Em sua proposta de categorização, Sampaio coloca, ainda, a "infância e adolescência pública" como um grupo caracterizado pelo glamour, pelo sucesso e pelo enriquecimento. Diz que se trata de crianças que não usam o seu dinheiro para ajudar em casa. Em nosso grupo de pesquisa encontramos em 60% dos casos uma realidade diferente. Ainda que tenham famílias que lhes dêem suporte, inclusive acompanhando-as nas gravações, muitas delas têm seus ganhos usados para suprir necessidades básicas. Dessa forma, o dinheiro vai em parte para uma poupança (todos os responsáveis relatam essa prática), e a outra parte é usada tanto para a criança quanto para a família em geral. Uma das crianças, por exemplo, já tendo juntado uma quantia razoável após oito anos de trabalho em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

comerciais e programas de TV, teve quase todo esse dinheiro usado pelos pais para comprar uma casa nova. Segundo sua mãe, esse foi um acordo feito com o filho, na medida em que ele entendeu que aquilo significava uma melhora de vida para ele. Em três outros casos, parte do salário da criança passou a ser usada para custear seus estudos numa escola melhor. Os responsáveis relatam ainda que a necessidade de os estar acompanhando sempre faz com que tenham, na maioria das vezes, de abandonar seus próprios empregos, tornando impossível a não utilização de, pelo menos, parte dos salários das crianças no orçamento doméstico.

Essas características nos levam a encaixar esse grupo de crianças numa categoria que seria intermediária entre a que Sampaio chamou de "infância e adolescência pública" e uma outra, que definiu como "infância e adolescência parcialmente protegida":

> ... são crianças que contam com o amparo dos pais e/ou adultos responsáveis. Eles são, contudo, apenas parcialmente sustentados por eles. Além dos estudos, eles já assumem responsabilidades de trabalho, regra geral, como uma espécie de contribuição à renda familiar. Em tais casos, a menção a uma infância e/ou adolescência, compreendida nos marcos da concepção moderna de tais categorias, torna-se, em certa medida, inadequada (Sampaio, 2000, p. 165).

Até aqui tentamos mostrar quem são as crianças de nossa pesquisa enquanto audiência, ou seja, o que caracteriza seus contextos sociais e culturais na relação com a mídia. A análise feita nos leva à hipótese de que o desejo de passar para dentro da TV é, também, conseqüência desse contexto, o qual apresenta semelhanças entre as realidades dessas vinte crianças. Sendo assim, acreditamos que isso as constitua como um grupo mais ou menos homogêneo, onde algumas hipóteses podem ser generalizadas. A partir de agora estaremos olhando para esse grupo em sua experiência nos bastidores.

A experiência dos bastidores é muito rica e complexa. Para darmos alguma inteligibilidade aos fatos, relacionando-os às teorias apresentadas no capítulo 2, optamos por criar categorias que os organizem: 1) identidade: onde analisaremos o processo de construção identitária dessa criança no contexto específico; e 2) expressão artística ou brincadeira *versus* trabalho infantil: onde levaremos a discussão para o âmbito dos direitos da infância, discutindo a natureza dessa atividade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

A “infância dos bastidores” parece-nos uma categoria privilegiada para pensarmos questões que atravessam a vida da infância contemporânea como um todo. A relação com a mídia, evento considerado central para tantos autores que falam sobre nossos dias, aparece na vida dessas crianças sobre um outro prisma, para além da já tão discutida condição de audiência. Ainda que vejamos relação entre essa criança que foi audiência e que agora passa a ser trabalhador, a análise passará da frente da televisão para dentro da televisão, acompanhando o movimento migratório que essas crianças fizeram.

Uma vez lá dentro, que identidade está sendo construída para essa infância dos bastidores e como essa identidade se reflete na sua vida cotidiana, na relação com as outras crianças e adultos? Que tipos de relação entre adultos e crianças estão sendo construídos nos bastidores? A partir deles, que experiências de infância estão se forjando nesse contexto: crianças “menorizadas”, como nos fala Castro (2001) sobre a infância moderna, ou crianças potentes e ativas, como quer uma visão contemporânea da criança consumidora-cidadã? Por fim, gostaríamos de discutir a questão do trabalho nessa categoria de infância. Essa discussão é atravessada pelas contradições e pelo embate que existe no campo da discussão sobre os direitos das crianças nas sociedades contemporâneas. Como nos mostra Buckingham, as declarações de direitos das crianças (como a da ONU) refletem o conflito de representações que caracterizam tal universo. Aqui nos interessa saber se à infância dos bastidores está sendo dado o direito à expressão ou se está violando a proteção ao trabalho infantil. Mais ainda, gostaríamos de contribuir para a discussão sobre esse trabalho infantil como algo que traz novas oportunidades para a criança e os adultos de seu convívio — oportunidades só possíveis nessa situação.

A partir dessas indagações, analisaremos o campo, na tentativa de dar um contorno a esse objeto que chamei de “infância dos bastidores”. Trata-se de uma infância que passou a servir de modelo para as crianças, quiçá para a nossa sociedade como um todo, que vê o espaço e o trabalho na mídia como sinônimo de sucesso pessoal, um modo objetivo de “vencer na vida”. Essas crianças venceram e chegaram ao “Olimpo”. Se lá permanecerão é outra história...

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

3.1
Bastidores: silêncio, gravando... fama e sucesso: vetores da construção da identidade da infância dos bastidores

Até aqui acreditamos ser possível delimitar algumas características desse grupo de crianças que estão representando o que chamamos "infância dos bastidores": Trata-se de uma infância marcada por uma relação intensa com a televisão como audiência, conhecedora e interessada na vida de suas "celebridades" — interesse adultizado — e que, como os adultos de uma forma geral, almeja o sucesso, a fama e a exposição na mídia. No entanto, a especificidade da infância caracterizada pela "experiência de sua não soberania" (Jobim e Souza, Pereira, 1998, p. 35) também está presente.

Uma vez nos bastidores, essa infância experimenta estar inserida num universo de preocupações e pressões caracteristicamente adultas que precisam, por isso, do encontro com adultos que lhe reconheçam a especificidade de "ser criança" para ser respeitada e compreendida em sua diferença (ainda que haja proximidade, há diferenças). Nesse caso, essa especificidade aparece no confronto de demandas: o que se espera da criança e o que ela deseja e necessita. Num ambiente adulto de trabalho, o comportamento tipicamente infantil, muitas vezes, aparece como o desvio.[7]

AÇÃO!

Brincadeira de dramatização proposta pelas próprias crianças no intervalo das gravações. Era um grupo de nove crianças que trabalhavam juntas.

Psicóloga: *E agora, vamos brincar de quê?*
Patrícia: *Vamos brincar de programa de televisão.*
Psicóloga: *Ué, mas vocês já estão aqui fazendo um programa de verdade...*

Todos começam a falar quem querem ser na brincadeira, ignorando a minha pergunta.

Patrícia: *Eu sou a diretora do programa.*
Laura: *Eu vou ser a Sandy.*
Paulo*: Eu sou o Xandy.*

[7]Voltaremos a estas reflexões mais tarde.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

***Roberta**: Eu vou ser a Xuxa.*
***Alessandra:** Eu sou a Eliana.*
***Diogo**: Eu sou o Márcio Garcia.*
***Lucas**: Eu vou ser o Leonardo.*
***Francisco**: Eu sou o diretor de núcleo.*
***Luiz**: Sabe quem eu sou? (Começa a desfilar pela sala com o peito estufado.) Eu vou ser o dono de todas as televisões: eu sou o Roberto Marinho!*
***Helena**: Ai, seu burro! Ele não é dono de todas as televisões, nada! O dono de tudo é o Sílvio Santos!!! Eu vou ser ele!*

A brincadeira se desenrola como um programa de auditório onde o Roberto Marinho e o Sílvio Santos são apresentadores, junto com a Xuxa, a Eliana e o Márcio Garcia. A brincadeira se desenvolve e eles vão alternando seus papéis e mudando de lugar nessa hierarquia de poder que criaram.

CORTA!

A dramatização é uma brincadeira recorrente entre crianças. Imaginar-se como o super-herói preferido ou a princesa da história predileta pode revelar, entre outras coisas, o objeto de suas identificações e desejos. Nesse contexto específico, os personagens escolhidos são os que fazem parte do próprio universo midiático em que se encontram inseridas. Isso aponta para uma outra função geralmente atribuída à brincadeira infantil: a de elaborar, como numa metalinguagem, a própria realidade. Assim, mesmo que estejam ali trabalhando na televisão, a brincadeira escolhida é a de fazer televisão. Sendo assim, essa brincadeira parece revelar não só a identificação com os personagens da mídia, mas também um conhecimento e uma identificação com o poder que eles representam, bem como com a lógica da hierarquia em que se encontram. Revela, ainda, o quanto brincadeira e trabalho, ficção e realidade se misturam. É interessante observar que, apesar de serem eles mesmos personagens do cenário midiático, não escolhem se auto representar. Esse detalhe parece indicar que, apesar de já estarem na mídia, ainda não se vêem como "poderosos", ou seja, de alguma forma sabem que ainda não chegaram nas altas escalas da hierarquia. Ainda não chegaram a ser "anormais", como revela a conversa com Maria:

AÇÃO!

Conversa com Maria no intervalo de uma externa:

***Psicóloga**: Sabe quem eu encontrei hoje?*
***Maria** (na expectativa): Quem?*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

***Psicóloga**: O Serginho do Big Brother Brasil!!*

(Achei muito estranho encontrar na vida real alguém que acompanhava ao vivo pela televisão. A mim, aquele encontro parecia muito mais mobilizador do que encontrar qualquer outro tipo de "famoso".)

***Maria** (decepcionada): Ah... Mas ele não tem graça. Ele é uma pessoa normal, pobre, que fez um programa e ficou famoso.*

***Psicóloga**: E você, também é normal?*

***Maria**: Não, eu já fiz outras coisas...*

***Psicóloga**: Então, você é anormal?*

***Maria** (rindo): Sou. O Carlos (companheiro de elenco) também já é meio anormal porque já fez outras coisas na televisão, no anúncio...*

***Psicóloga**: E a Joana (a outra companheira de elenco), é igual ao Serginho porque ela está no seu primeiro trabalho?*

***Maria** (não querendo admitir): É... Mas ela já esta ficando anormal por causa do sucesso...*

***Psicóloga**: Mas o Serginho também tá famosão...*

***Maria** (contrariada): É...*

***Psicóloga**: Então, quanto mais famoso, mais anormal?*

***Maria**: É!! (pausa) São as teorias malucas desse meu personagem (risos).*

***Psicóloga**: Do personagem não, da Maria.*

***Maria**: É, mas agora estou atuando como personagem.*

***Psicóloga**: Então tá.*

CORTA!

Nessa conversa vemos claramente a construção de Maria relacionando a fama com a experiência de não ser normal, como os outros. Quando ela desdenha a posição de famoso do participante do *Big Brother*, ela ainda parece fazer uma outra distinção entre o famoso circunstancial — aquele que provavelmente só será assim por um curto espaço de tempo — e aquele que, de alguma forma, se mantém famoso, fazendo vários trabalhos na mídia. Não deixa de ser uma consciência da transitoriedade de tal situação e da "qualidade" da fama. Você pode até ficar famoso por um tempo, mas "anormal", só depois de aparecer algumas vezes, fazer muitos trabalhos. Da mesma forma, parece haver uma elaboração positiva que coloca a fama como conseqüência do trabalho, e não só da celebrização, ou seja, de alguma forma, poderíamos inferir que, em seu discurso, Maria tem consciência da diferença entre o artista e a celebridade. Para chegar a ser "anormal", não basta ser apenas uma celebridade momentânea. Por outro lado, a transitoriedade indica que se pode voltar a ser "normal" facilmente: basta que não se faça mais nenhum trabalho na mídia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

A fala de Maria leva-nos ao encontro das idéias expostas por Maria Claudia Coelho (1999) em seu livro "A experiência da fama". Nele, a autora tenta fazer da categoria fama, tão escorregadia e subestimada academicamente (em sua opinião), um vetor que ligaria o indivíduo ao nosso contexto atual dominado pela comunicação de massa. Assim, a fama teria a função de renome, ou seja, seria algo similar ao que já foi a honra e a glória no século XIX. No entanto, hoje, no mundo da mídia, essa forma de construção do renome é maximizada, "ganhando contornos específicos pela possibilidade de associação de um nome a um rosto, divulgados maciçamente" (*Idem*, p. 19). A análise da fama como categoria privilegiada do contexto contemporâneo leva a autora, a partir de entrevistas com "famosos" e leituras de cartas de fãs, a colocá-la como signo da "tensão constitutiva da condição individual: ser único ou ser o mesmo" (*Idem*).

Ser "único ou ser o mesmo" pode ter um paralelo com o que Maria nomeia como "anormal" ou "normal". Assim, o que nossa comunidade coloca como desejo é distinguir-se da massa, sair do anonimato para ser alguém "anormal". Essas são a glória e a honra perseguidas por crianças e adultos.

No mesmo livro, Coelho nos mostra, através das entrevistas com as pessoas que já alcançaram tal condição, os incômodos que a "anormalidade" traz para a vida dos famosos. Paradoxalmente, o discurso das pessoas que estão no "Olimpo" é o de um desejo de viver momentos de "normalidade" outra vez. Mesmo com todos os privilégios que a condição de famoso acarreta, há um desconforto em ser o foco constante do olhar dos "normais", e o foco internaliza, assim, como no *panóptico* de Foucault, "a consciência ininterrupta de ser observado, e reage a isso procurando negar tal fato pelo esforço de impedir o cruzamento dos olhares" (*Idem*, p. 111). Os entrevistados de Coelho descrevem várias estratégias para evitar o assédio dos fãs, percebido a maior parte do tempo como mais invasivo do que prazeroso. Revelam, muitas vezes, uma certa nostalgia do anonimato, quando podiam olhar ao invés de serem olhados.

As crianças de nosso grupo geralmente falam como muito prazer do assédio dos fãs e dos privilégios (como o patrocínio de lojas de roupas) que passam a ter com a fama. Todas as vinte crianças de nosso grupo tinham "santinhos" com suas fotos e autógrafos prontos para serem distribuídos. No entanto, o incômodo também aparece e, nesses casos, de uma forma geral, a criança é mais espontânea em expressar o seu desconforto. Talvez por não terem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

uma consciência tão clara do cuidado que é preciso ter com sua imagem pública, elas repudiam o assédio de maneira direta. Nas vezes em que presenciei esse tipo de comportamento (geralmente com crianças e adultos que visitam os *sets* de gravação), foi sempre por intermédio de algum adulto que a criança era obrigada a voltar atrás e reconhecer o fã, não como um igual ao qual se tem o direito de dizer "não estou a fim agora", mas como um personagem participante dessa sua nova condição de famoso.

AÇÃO!

Num determinado dia de gravação, uma mãe pede para falar sobre o seu filho de quatro anos que estava demonstrando um comportamento "horrível" com os fãs que o abordavam na rua.

Mariana: *Eu acho que tem alguma coisa errada com o Lucas. A gente estava andando no shopping, e juntou um grupo em volta dele, beijando e abraçando e pedindo autógrafo. Ele amarrou a cara e começou a chorar...*
Psicóloga: *O que você fez?*
Mariana: *Eu peguei ele no colo e falei para as pessoas o desculparem, porque ele estava cansado. Mas eu fico morrendo de vergonha! Depois vão ficar dizendo que ele é mascarado.*
Psicóloga: *Olha, Mariana, o Lucas só tem quatro anos. Você já parou para pensar que ele pode ter ficado com medo mesmo de um monte de gente desconhecida em volta dele, querendo pegar nele? Ele não está errado de não querer isso, entende? Ele é muito pequeno, e nesses momentos você deve protegê-lo mesmo. Ele tem que ser mais importante do que os fãs! Ninguém vai deixar de gostar dele por que não quis falar... da próxima vez fala que ele fica assustado com um monte de gente que ele não conhece... as pessoas vão entender. E se não entenderem problema delas pois o mais importante é a gente fazer o melhor pro Lucas, né?*
Mariana: *É, né?... Vou fazer isso que você falou...*

CORTA!

Coelho fala dessa cisão na experiência da fama entre o que chama de sujeito psicológico (do âmbito privado) e sua persona, sua imagem pública. Esses "dois sujeitos" usam o mesmo suporte físico, ou seja, o corpo do artista. Ainda que todos nós possamos experimentar em nossos cotidianos situações em que usamos uma máscara social, no caso do famoso essa experiência se radicaliza. Milhões de pessoas (com as quais o artista nunca teve nenhum contato), o conhecem e se sentem íntimas daquela figura projetada na telinha. O fã não reconhece em seu ídolo o sujeito psicológico que é igual a ele e que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

eventualmente está cansado ou sem vontade de conversar, como qualquer pessoa normal. O fã dirige-se à figura pública, que é com a qual ele se relaciona em seu dia-a-dia. "É isto o que explica, talvez, a irritação do fã com eventuais recusas de autógrafos ou atenção: o deparar-se com um ser que, supondo ser de outra natureza, opõe-lhe todavia desejos comuns, que o fã não imaginava nele encontrar" (Coelho, 1999, p. 95).

Com a criança famosa algumas especificidades tornam-se relevantes. Num dos depoimentos colhidos por Coelho, a atriz entrevistada compara a sensação de invasão, pelo assédio, com o que as crianças vivem cotidianamente, segundo uma lógica onde a "criança é de todo mundo, todo mundo tem acesso ao nariz da criança..." (Coelho, 1999, p. 96). Isso parece uma situação bastante familiar em nossas realidades, onde todos se sentem no direito de tocar a criança, sem o pudor com o qual se faria carinho num adulto desconhecido, por exemplo. Se é assim, a criança famosa está em dupla desvantagem, já que o acesso ao seu corpo se justificaria tanto por ser criança quanto por ser pessoa pública. Além disso, a sua espontânea recusa em se deixar incomodar acaba sendo repreendida pelos adultos que, ao contrário dela, têm plena consciência da importância do fã e da atenção que se deve dar a ele na lógica do trabalho em televisão. Assim, as crianças vão aprendendo, com a ajuda dos adultos, a construir suas personas e a distinguir seu sujeito psicológico da figura pública que deve ser "legal" (mesmo sem vontade) com os fãs.

As crianças com as quais trabalhei apresentavam níveis diferenciados de consciência em relação a essa cisão sujeito psicológico/pessoa pública. As mais velhas certamente tinham mais facilidade em transitar por essas duas experiências e, de alguma maneira, viam afetada a sua espontaneidade por um aprendizado de comportamento segundo as expectativas do outro. Se, por um lado, podemos pensar que tal situação lhes ensina fingir e dissimular sentimentos verdadeiros (o que, à primeira vista, parece algo ruim numa criança), por outro, podemos dizer que esse é um aprendizado necessário para que possam conviver e até mesmo se proteger na condição de famosos. Além disto, o "fingimento", a representação de sentimentos e sensações que não são as suas, fazem parte de seu próprio ofício como artistas.

Ainda que entre crianças predomine o talento intuitivo para a representação, elas eram acompanhadas por profissionais contratados

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

exclusivamente para o trabalho com o texto. Nas duas experiências que tive, pude me associar a esses profissionais (chamados de *coachs* nos bastidores), associação que se mostrou bastante positiva e me fez conhecer três profissionais que trabalhavam com perspectivas, crenças e idéias muito próximas das que trazia comigo acerca de como lidar com crianças naquele contexto. Através de brincadeiras como usar um boneco da própria criança para que ela trabalhasse o texto através dele, esses profissionais garantiam um distanciamento da criança, com a interpretação de seu personagem. Além disto, de uma forma lúdica e prazerosa, faziam a criança entender o texto em suas nuanças.

A postura em relação à criança observada nesses profissionais se contrapõe à postura de adultos como a mãe de Lucas. A importância da interlocução do adulto na situação de criança-artista-famoso ganha, mais uma vez, relevância especial. Assim, podemos dizer que é preciso fazê-la entender que os telespectadores estão vendo algo que não é exatamente o que elas são em sua intimidade. No entanto, é preciso fazê-lo de maneira a que a criança não perca a sua espontaneidade, encontrando no adulto as estratégias de proteção de que todos os entrevistados de Coelho dizem lançar mão na eminência de serem invadidos. No caso da criança, é preciso mesmo que o adulto que a acompanha proteja o seu "sujeito psicológico" da invasão que a sua figura pública propicia. Muitas vezes isso significa ser antipático ou frustrar os fãs no lugar da criança, colocando-a em primeiro lugar.

Numa situação como a vivida por Lucas, temos a dimensão da criança que precisa ser protegida, pois, de fato, se encontra numa situação onde tem menos instrumentos do que o adulto para agir. Por outro lado, no trabalho cotidiano com ela, é preciso ir preparando-a de maneira a respeitar a sua especificidade de criança, para reconhecer a cisão entre o que ela é e sente e o que vêem e esperam dela por conta de sua exposição na mídia.

A persona pública dos famosos não cria problemas e incômodos somente no assédio de fãs em lugares públicos. Mais preocupante é quando essa imagem social passa a atravessar as relações mais próximas, as relações cotidianas — nas palavras de Coelho, "a assimetria que se estabelece nas próprias relações pessoais vividas pelo ídolo" (Coelho, 1999, p. 123). Na conversa a seguir, podemos ver como a fama pode causar isolamento para as crianças em suas relações com os iguais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

AÇÃO!

Conversa no intervalo de uma externa, com Joana, atriz do elenco fixo, e Paula, atriz convidada para uma participação, mas que trabalha na televisão desde bem pequena.

Psicóloga: *E aí, Joana, já fez amigos na escola?*
(Joana se mudou de sua cidade natal para trabalhar no programa e teve que mudar de escola há três meses.)
Joana: *Ainda não.*
Psicóloga: *Mas você fica lá sozinha? Com quem você brinca no recreio?*
Joana: *Às vezes eu fico passando o texto (do personagem), às vezes brinco com alguém. Mas nenhum amigo de verdade.*
Psicóloga: *Por que você não tem amigo de verdade na escola?*
Joana: *Porque tem que ser criança do mesmo meio, da televisão, porque senão não entende que a gente não pode aceitar os convites, que não tem tempo. Só criança que trabalha sabe como é que é.*
Paula: *É. As pessoas ficam achando que a gente é metida. Lá na minha escola, quando eu chego, ficam falando: "Olha a riquinha". Eles acham que só porque a gente é artista tá rico.*
Psicóloga: *E o que você faz?*
Paula: *Eu ignoro. Não tô nem aí. Mas eu tenho alguns amigos de verdade.*
Psicóloga: *O que é amigo de verdade?*
Paula: *É o que você sabe que não chega só porque é artista.*
Psicóloga: *Por isso é mais fácil ser amigo de artista que nem vocês?*
Joana: *É.*
Paula: *Hum, hum.*

CORTA!

A estratégia de escolher conviver com crianças que também trabalham é similar a da atriz entrevistada por Coelho e que só tem namorados do mesmo meio como forma de se proteger da mitificação de sua imagem.

Esse fragmento do campo nos dá a dimensão do quanto a exposição na mídia, para além do *glamour*, afeta a vida e a identidade das crianças nas suas relações com seus pares. O sucesso e a fama podem ser vistos em nossos tempos como uma possibilidade de o sujeito se sobressair na homogeneização e massificação características da sociedade de consumo, mas podem ser, também, causa de isolamento, exatamente por colocar o sujeito em um lugar diferenciado socialmente.

Quando Sampaio descreve que há uma "redefinição dos termos de sua inserção escolar" (Sampaio, 2000, p. 162), ao falar da categoria de infância e adolescência públicas, temos de concordar. As escolas dessas crianças, muitas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

vezes (mas nem sempre), abrem exceções de prazos e critérios de faltas para não as prejudicar. Ainda que, em nosso campo de pesquisa, houvesse o limite pré-estabelecido de só gravar nos horários em que não houvesse escola, em algumas vezes a falta era inevitável. No entanto, o mais problemático na relação com a escola não estaria em sua flexibilidade em lidar com essa criança com um cotidiano diferenciado. O maior problema acontece quando se estabelece uma mercantilização da relação educativa com esse aluno famoso. Assim, é comum que as escolas concedam bolsas em troca de propaganda. A propaganda pode ser vistas em *outdoors* e *busdoors* pela cidade. A escola associa o sucesso do aluno famoso ao fato de estudar em tal colégio, como se a educação dele tivesse contribuído para esse sucesso. Esse tipo de propaganda contribui para que a entrada na mídia seja valorizada como forma de obter privilégios.

Nesse diálogo com as mães num dia de gravação, vemos essa distorção e o quanto a condição de "infância pública" atravessa todos os níveis da vida cotidiana da criança.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

AÇÃO!

Conversa com as mães num dia de gravação.

***Clara**: Eu fui pedir bolsa para a Joana na escola, e eles não me deram. Essa escola é muito cara, mas é a que fica mais perto da casa da minha irmã... Fazer o quê...*

***Denise**: Jura? Eles não quiseram? Nossa, a escola da Maria dá bolsa integral para ela e a irmã, e também a colônia de férias.*

(Maria fazia anúncio da colônia de férias num outdoor: "Venha brincar com Maria nestas férias!".)

***Amanda**: Ah, a escola do Carlos dá bolsa, mas não tem moleza. Eles exigem igualzinho... Ainda mais com mãe professora, né?*

***Clara**: Pois é... Eu fiquei chateada... Mas fazer o quê?*

***Psicóloga**: Pois eu acho essa escola muito séria. O que ela está dizendo é que o fato da Joana estar na televisão não faz dela uma criança diferente das outras, e é bom que eles possam se sentir crianças normais em suas vidas.*

***Clara**: É... A escola é boa e ela está se saindo super bem.*

***Denise**: A escola da Maria também é boa e ela é das melhores alunas. Mas na hora do bolso faz a maior diferença. Ainda mais com essa rotina de ter que acompanhar as gravações e não poder mais trabalhar.*

CORTA!

A escola que mercantiliza a relação com a criança famosa não parece estar cumprindo seu papel de educadora, ou seja, o papel de uma instituição que deve construir um olhar crítico e diversificado sobre a realidade e o conhecimento. Ao dar a bolsa para uma criança por méritos que nada têm a ver com sua conduta ou seu papel de aluno e, ainda por cima, usar sua imagem para promover a escola, como se dissesse que o sucesso da criança está relacionado ao fato de ser estudante daquela escola, a instituição está, na realidade, corroborando a lógica do consumo e estimulando a mitificação do artista de TV. Para a criança e seus pares na escola ela está dizendo que eles são realmente diferentes e especiais. Acreditamos que o papel da escola na vida dessas crianças é decisivo exatamente como um instrumento de reinserção e experiência da normalidade, ou seja, o oposto do que descrevemos acima.

O egocentrismo e o narcisismo característicos da criança, segundo a psicanálise, passam a ter uma outra dimensão na vida da criança famosa, como se o princípio de realidade, ao invés de colocar limites nessa idealização, a corroborasse. É nesse sentido que a escola e os adultos em torno da criança famosa devem esforçar-se para que a criança experimente a sua "normalidade" enquanto tal.

Partindo das idéias de Goffman sobre a construção do *self*, Coelho propõe que a construção da auto-imagem seja conseqüência de uma interação entre uma dimensão psicológica do indivíduo e outra, fruto de nossas interações sociais, o personagem que representamos socialmente: "... nossa concepção de quem somos é o resultado de nossa percepção daquilo que somos (ou julgamos ser) para os outros" (Coelho, 1999, p. 127). Nessa perspectiva a pessoa famosa se vê espelhada em muitos olhos e percepções de si; vê a própria imagem espalhada em muitos lugares ao mesmo tempo. Como tentativa de se proteger do que seria "uma pulverização do *self*" (*Idem*, p. 127) se tentasse internalizar todas essas imagens espelhadas, o famoso se isola e evita o fã ou assume uma atitude *blasé* semelhante a que Simmel descreve, segundo a autora, como estratégia do indivíduo comum ao excesso de estímulos das metrópoles. Numa etapa da vida em que todos esses processos identificatórios de constituição do *self* ou do ego, como diria a psicanálise, estão em estruturação, um ambiente onde a criança se reconheça sem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

essa exacerbação de espelhos e expectativas é condição para o seu processo de estruturação subjetiva. Nesse sentido, a escola, a família e os profissionais envolvidos devem estar atentos para a necessidade de se constituir uma certa normalidade e constância de relações da criança, independentemente de sua condição de famoso. Até porque entrar criança para uma profissão torna, por definição, mais árduo o trabalho de manter-se bem sucedido, uma vez que o tempo de esforço se alarga enormemente. Além disso, é comum o desaparecimento da criança da mídia quando atinge a puberdade e começam as transformações físicas características. São pouquíssimos os casos de crianças na televisão que conseguiram manter-se na mídia durante ou após tais transformações.[8]

Assim, manter a "normalidade" em torno das crianças significa resguardar relações de afeto que não estejam condicionadas ao fato de serem famosas. Essa seria uma forma de garantir possibilidades de identificação e desejo substitutas para o trabalho na mídia, tão difícil de ser mantido, uma possibilidade de se reconhecer como indivíduo, independentemente disso. Quando isso lhe é negado, a criança corre o risco de se ver presa a essa realidade do presente, perdendo a possibilidade de se projetar no futuro, possibilidade representada pela pergunta tão comum: "O que você quer ser quando crescer?".

AÇÃO!

Conversa com uma das meninas (dez anos) do programa.

***Psicóloga**: Oi, Natacha, tudo bem hoje? 'Cê tá bonita, 'cê tá crescendo, sabia? Tá ficando com cara de mocinha...*
***Natacha**: Eu sei (triste).*
***Psicóloga**: Você ficou triste com o que eu falei?*
***Natacha**: Não. Mas é que eu não quero crescer.*
***Psicóloga**: Por quê?*
***Natacha**: Porque se eu crescer muito e ficar com cara de adulto eu não vou poder mais fazer esse programa.*
***Psicóloga**: Mas aí você vai fazer outros com cara de mocinha.*
***Natacha**: Quem sabe, né?*

[8]Algumas vezes as crianças voltam à TV após um período de ausência vivido, geralmente, com sofrimento (ver entrevista com o ator Selton Mello sobre sua carreira na revista TPM nº 17, publicação do mês de dezembro de 2002).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

CORTA!

Essa conversa com Natacha dá a dimensão do que seria colocar a atividade de fazer TV acima até mesmo da inexorabilidade do crescer.[9] Ela assume que suas características de criança são o que a mantém naquele lugar e, por isso, se entristece e se preocupa com as inevitáveis mudanças da idade. Sua tristeza parece apontar para um apego à sua imagem de criança da mídia famosa e para uma falta de outras perspectivas para si mesma e que a satisfaçam. Trata-se de uma menina que, de fato, passou a associar seu valor como pessoa ao status de famosa. A configuração familiar, afetiva e emocional de Natacha nos leva a tal conclusão (ela sempre foi considerada uma criança esnobe e "metida", desde os pilotos, pelas outras crianças e profissionais). Podemos dizer que aqui houve uma confusão entre o sujeito psicológico e a persona pública. Assim, Natacha parece ter sido vítima do deslumbramento que a mitificação da figura pública traz para os famosos. Coelho só encontrou um entrevistado de fama recente que relata um episódio em que sucumbiu à sensação de ser um mito. Deslumbrar-se, "não segurar a cabeça" é um risco constante para os novatos, segundo os entrevistados. Ainda segundo eles, a única forma de se prevenir é construir um distanciamento íntimo das situações mitificadoras.

No caso das crianças com quem trabalhei, esse deslumbramento aparece de forma mais sutil, menos consciente. "Ficar metido e seboso" é algo que eles repudiam de antemão, inclusive criando um certo policiamento entre eles, e ser chamado de qualquer uma dessas coisas toma o lugar de grande ofensa. Na presença de outras crianças, na relação com as pessoas da equipe e com os funcionários em geral, há um esforço constante para não se comportarem como tal.

Há algumas formas de entendermos essa diferença no processo de "deslumbramento" das crianças. Os fãs, também crianças, olham e se relacionam

---

[9]Em duas outras ocasiões tive a oportunidade de ouvir esse tipo de afirmação, a de "não querer crescer", em conversas com as crianças. No entanto, suas falas me levaram para uma outra realidade mais ampla na experiência contemporânea: a de um discurso infantil que vê na vida adulta apenas o chato, o compromisso e as responsabilidades. Essa é, inclusive uma importante faceta do discurso infantil contemporâneo, uma vez que podemos ver tal representação da vida adulta como conseqüência, entre outras, de uma não-participação da criança na vida pública e uma posterior guetificação num mundo onde só lhe cabe, enquanto atividade típica de seu papel social, brincar e estudar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

com o famoso mirim de uma forma, em geral, mais espontânea e próxima. A idealização, o olhar admirado diante do artista infantil, é, na grande maioria das vezes, destinado ao seu personagem, e não à sua figura pública. Além disso, as crianças são muito mais diretas e têm menos pudor em criticar a outra criança, seja ela famosa ou não.[10] O assédio do fã adulto também se dá de forma diferenciada, já que a criança é vista como menor, ou seja, de alguma forma, mesmo famosa, ela é "menos" do que o adulto ali à sua frente. A criança menorizada parece ser a representação usada, na grande maioria das vezes, para avaliar e tolerar (ou não) comportamentos infantis que indiquem deslumbramento, entre os próprios profissionais que trabalham com ela. Assim, uma equipe é capaz de tolerar os mais "exóticos" comportamentos de grandes estrelas, mas, geralmente, repudiam qualquer indício (segundo suas interpretações) de "estrelismo" nas crianças. Comportamentos desse tipo são vistos como inaceitáveis numa criança. O paradoxo aqui fica por conta de ser a criança muito mais suscetível, por ter menos instrumentos e menos clareza de toda a dimensão da situação, a um certo deslumbramento com todo o *glamour* que envolve a sua condição de famosa. Enquanto os adultos de uma equipe se submetem e toleram situações muitas vezes humilhantes de estrelas adultas, não toleram qualquer sinal que interpretem como estrelismo numa criança.

Essa especificidade infantil em relação ao processo de deslumbramento apresenta-se, assim, como fruto de dois movimentos constantes quando falamos da experiência de ser criança: o espaço de ação que lhe é dado pelos adultos de um determinado contexto e um comportamento próprio guiado por uma lógica infantil. Essa forma própria de elaborar o mundo à sua volta e certas capacidades e especificidades em seu comportamento são características que nos permitem continuar falando em infância e criança, mesmo que as entendamos como uma construção sociocultural. Não se trata de uma essência (já que até mesmo essa lógica infantil pode sofrer as influências de seus contextos), mas de uma diferença baseada no "olhar infantil". Assim, a "natureza infantil" ganha outro significado,

[10]Assim, foi possível presenciar inúmeras situações em que a aproximação entre a criança "normal" (que visitava o *set*) e a criança famosa se dava da seguinte forma: um primeiro momento de uma certa paralisia diante do personagem que viam na TV. Reação que se desfazia com rapidez diante do convite da criança famosa para brincar. Na realidade, a visita de outras crianças na gravação era, geralmente, motivo de grande prazer, pois se renovavam as possibilidades de brincar — demanda sempre presente no cotidiano dos bastidores.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

onde sua inabilidade, "a experiência de sua não-soberania", é a marca de sua identidade enquanto alegoria de uma capacidade humana de "desencantar (ou reencantar) o mundo da razão instrumental..." (Jobim e Souza, Pereira, 1998, p. 35).

Essa criança, que não é apenas uma etapa do desenvolvimento humano, mas representante de uma capacidade de transformação do estabelecido, exatamente por ocupar um espaço alteritário em relação ao adulto, ou, como diz Larrosa, de ser enigma, essa criança continua presente e viva na experiência dos bastidores. Basta que se tenha um olhar que possa enxergá-la dessa maneira.

AÇÃO!

Conversa com Gabi, de cinco anos, que entrou no programa depois de dois anos e estava na sua segunda gravação. Ela trazia um bonequinho bem pequenino com ela e do qual não queria se desgrudar, e a produtora tentava convencê-la, com argumentos lógicos, de que ela não podia gravar com ele. Diante do seu comecinho de choro, a fonoaudióloga com quem trabalhava em parceria resolve a situação.

***Laura**: Como é o nome dele?*
***Gabi**: Ele não tem nome, mas é meu e eu não quero deixar ele sozinho.*
***Laura**: Vamos fazer o seguinte. Eu vou deixar ele aqui guardadinho nesse armário bem quentinho durante todo o dia de gravação. O Fernando (contra-regra) é quem cuida desse armário e ele vai tomar conta direitinho do seu amigo, não é, Fernando?*
***Fernando** (entrando na brincadeira): É. Pode deixar que eu vou tomar conta dele direitinho.*
***Laura**: Então, eu e o Fernando vamos tomar conta do seu amiguinho para você, e, quando você ficar com saudade, você fala com a gente que a gente vem correndo ver ele, tá?*
***Gabi** (aliviada e alegre): Tá!!*

CORTA!

Essa é apenas uma situação escolhida, entre tantas outras, para marcar a presença, nos bastidores, de uma infância que definitivamente não desaparece nas crianças, mesmo vivendo em ambiente adulto como o dos bastidores (ou mesmo no contexto mais amplo da sociedade contemporânea). No encontro com adultos que possam ouvi-la e acolhê-la em sua especificidade, a criança dos bastidores encontra aliados para continuar sendo criança, para além do lugar de submissão aos adultos, de obediência e repressão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Em nosso campo de pesquisa — os bastidores —, podemos dizer que encontramos as mesmas ambivalências e contradições que caracterizam o campo teórico. Podemos encontrar situações em que as fronteiras entre os universos adulto e infantil parecem ter realmente desaparecido, mas também outras situações que demonstram fronteiras que se fortalecem, colocando cada qual "em seu devido lugar". Deparamo-nos com situações em que os encontros entre adultos e crianças se dão de forma a que a criança seja colocada no lugar de real interlocutor e, portanto, potente, mas em outras a encontramos emudecida, controlada, tutelada. Podemos perceber um olhar em sua direção que convida ao diálogo e um outro olhar que a condena ao silêncio. E às vezes podemos encontrar tudo isso numa mesma situação.

Mas talvez, o mais importante no espaço dos bastidores seja uma situação de oportunidade. No convívio cotidiano, adultos e crianças transitam no mesmo cenário, engajados num projeto comum, onde um depende do outro. A presença da criança causa sempre alguma estranheza em um universo caracteristicamente adulto. Sua espontaneidade, seus limites, sua vontade de brincar, burlar regras, pregar peças... tudo isso vai desarrumando a estrutura. E vai criando indagações, despertando cuidados ou mesmo autoritarismos; vai enchendo o lugar de brincadeiras ou de disciplina redobrada para lidar com sua inadequação; vai, mal ou bem, obrigando toda a máquina a refletir, pois a criança deixa suas marcas, inevitavelmente, enquanto agente social.

Em nome da proteção e do cuidado, as crianças foram retiradas dos locais de trabalho, pois ganharam um outro trabalho específico para as suas necessidades — educação para tornar-se um adulto. Nesse processo, os ambientes de convívio físico e simbólico vão cada vez mais escasseando. Uma cultura adulta e outra infantil vão delimitando fronteiras claras. Concordamos com Buckingham (2000), para quem uma das conseqüências de tal projeto foi tirar a criança do espaço público das decisões, da política e da cidadania. Idéia que também parece ir ao encontro do paradigma da ação proposto por Castro para o entendimento da infância contemporânea.

A "infância dos bastidores" é caracterizada pela fama que envolve a exposição na mídia, que pode ser uma experiência de aprendizagem e crescimento mas também pode ser devastadora para a criança-sujeito-em-formação. Tudo vai depender do tipo de interações e relações que ela vai estruturando em seu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

percurso. O ambiente dos bastidores, de uma forma geral, não é, originalmente, um lugar de brincadeiras infantis. Os bastidores de uma televisão caracterizam-se como sendo um lugar de trabalho, e por isso podemos dizer que a "infância dos bastidores" é, também, uma infância de trabalho.

3.2
Crianças nos bastidores: aprendizes de trabalhadores

A fama e seus prazeres e privilégios marcam a vida dessa infância. Como vimos, também pode ser fonte de problemas e sofrimento para a criança em questão. No entanto, existe uma dimensão maior, que vai além do cuidado com aquele indivíduo. Como nos sugere Sampaio, essas crianças se caracterizam como uma das categorias da infância brasileira contemporânea, tratando-se de um grupo social delimitado. Enquanto tal, gostaríamos de colocar em debate os direitos dessas crianças no nível social mais amplo.

Para essa discussão, o vetor escolhido é tema espinhoso e polêmico — o trabalho infantil. Não pretendemos trazer toda a complexidade que caracteriza discussão tão vasta e relevante. No entanto, a pergunta se é trabalho, brincadeira ou aprendizagem a experiência vivida e desejada por cada vez mais crianças em nosso contexto não poderia deixar de ser tangenciada.

Segundo Bazílio (1998), a criação do "Estatuto da criança e do adolescente" (ECA) caracteriza uma terceira fase de relação do Estado com a criança, e indica uma profunda mudança na visão sobre ela enquanto personagem social. Assim, a criança já foi "objeto de caridade" (Bazílio, 1998, p. 102) do Descobrimento até 1920, quando o Estado brasileiro cria um "enorme corpo jurídico/institucional" (*Idem*, p. 103) para o atendimento à infância. Essa é a segunda fase, marcada pela época das Instituições Totais baseadas nas ideologias eugenistas e higienistas. A partir da segunda metade dos anos oitenta começa a terceira fase, caracterizada pelo aparecimento das ONGs, pelo desmonte das instituições de atendimento do Estado e pela participação civil na feitura do ECA[11] — uma legislação específica para a criança e o adolescente a partir dos

[11]"Estatuto da criança e do adolescente".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

artigos 227 e 228 da Constituição promulgada em 1988. A criança passa, então, a ser vista como sujeito de direitos.[12]

No Capítulo II, intitulado "Do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade", destacamos os seguintes artigos:

> ART. 15 – A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.
>
> ART. 16 – O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:
> I – ir, vir e estar em logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;
> II – opinião e expressão;
> III – crença e culto religioso;
> IV – brincar, praticar esportes e divertir-se;
> V – participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;
> VI – participar da vida política, na forma da lei;
> VII – buscar refúgio, auxílio e orientação.
>
> ART. 17 – O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.
>
> ART. 18 – É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

No Capítulo V do "Estatuto da criança e do adolescente", intitulado "Do direito à profissionalização e à proteção no trabalho", destacamos, ainda, os seguintes artigos que entendemos estarem relacionados à nossa discussão:

> ART. 60 – É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.
>
> ART. 61 – A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial, sem prejuízo do disposto nesta Lei.
>
> ART. 62 – Considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor.
>
> ART. 63 – A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios:
> I – garantia de acesso e freqüência obrigatória ao ensino regular;
> II – atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente;

[12]Juridicamente, a definição etária para a criança vai até os doze anos. A partir daí ela é considerada adolescente, até atingir os dezoitos anos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

III – horário especial para o exercício das atividades.

ART. 64 – Ao adolescente até quatorze anos de idade é assegurada bolsa de aprendizagem.

ART. 67 – Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não-governamental, é vedado trabalho:
I – noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte;
II – perigoso, insalubre ou penoso;
III – realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social;
IV – realizado em horários e locais que não permitam a freqüência à escola.

ART. 68 – O programa social que tenha por base o trabalho educativo, sob responsabilidade de entidade governamental ou não-governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe condições de capacitação para o exercício de atividade regular remunerada.
§1º – Entende-se por trabalho educativo a atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo.
§2º – A remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado, ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho, não desfigura o caráter educativo.

ART. 69 – O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos, entre outros:
I – respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento;
II – capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho.

Seguindo esses trechos destacados do Estatuto, podemos concluir que crianças abaixo de quatorze anos (faixa etária onde se inserem todos os sujeitos de nosso campo) não podem trabalhar, a não ser que esse trabalho tenha uma conotação específica de aprendizagem e siga determinadas regras que visam a proteger a criança e seu direito ao brincar e manter-se na escola, por exemplo. Além disso, toda criança tem direito à expressão. Assim, a presença da criança na televisão se justifica por ela estar num processo de aprendizagem e se expressando artisticamente. É sob esse prisma que podemos entender a declaração dada pelo juiz Siro Darlan à uma reportagem do programa "Vídeo Show"[13] da Rede Globo, onde ele diz: "No momento em que ela (criança) está numa atividade cultural, atividade artística, isto tem que ser estimulado e não impedido, sob pena de causar problemas psicológicos muito graves a essa criança. Não deve ser visto como trabalho mas como uma manifestação artística".

[13]Data não registrada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Como nos alerta Buckingham e também Castro, as políticas públicas que dizem respeito às crianças não foram feitas com a participação de suas vozes, pois, ainda que se caracterizem por um avanço no sentido de considerá-la cidadã, sujeito de direitos, mesmo assim, parecem continuar trabalhando com o paradigma desenvolvimentista onde a criança não teria competência cognitiva, intelectual ou moral para interferir em assuntos tão "adultos" como os da política. Assumindo um novo paradigma, onde a criança assuma o seu papel de agente social, trazemos, agora, para essa discussão, a sua voz.

AÇÃO!

Conversa de intervalo.

Psicóloga: *Vocês acham que o que vocês fazem é trabalho ou brincadeira?*
Maria: *É um pouco de cada coisa.*
Joana: *É. Às vezes é trabalho e às vezes é brincadeira.*
Psicóloga: *Quando que é um e quando é outro?*
Maria: *Quando tem que decorar o texto depois de fazer o dever é chato, quando a gente não pode brincar... Mas quando tá fazendo a cena e quando tá dando autógrafo, desfilando, é legal!*
Psicóloga: *Mas eu não perguntei quando era chato e quando era legal...*
Joana: *É que quando é trabalho é chato e quando é brincadeira é legal, entendeu?*
Psicóloga: *Entendi. Então, fazer a cena é legal mas decorar o texto antes é chato. Então fazer a cena é brincadeira e decorar o texto é trabalho?*
Maria: *É isso aí!*
Psicóloga: *Então vocês não gostam de trabalhar, só de brincar...*
Joana: *Só que não tem jeito de fazer um sem o outro, né? Por isso que a gente gosta quando você vem, porque aí tem mais brincadeira no intervalo.*
Psicóloga: *Mas eu tô trabalhando...*
Maria: *Ah... mas o seu trabalho é brincar com a gente!*
Psicóloga: *Então o meu trabalho é muito legal!*

Nós três começamos a rir diante de tal conclusão, e elas foram chamadas para gravar.

CORTA!

A lógica da divisão entre trabalho e brincadeira assume para as crianças a lógica do prazer ou desprazer naquilo que experimentam. Talvez não esteja muito longe da lógica difundida em nossa cultura do consumo, onde o trabalho passou a ser coadjuvante, como um meio de financiar o prazer de consumir em nossas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

horas de lazer, em nossos "intervalos". No entanto, esse tipo de visão em torno de sua própria atividade acaba por negligenciar fatores importantes das relações que se estabelecem naquele contexto — relações de trabalho. A figura do patrão, por exemplo. A relação patrão/empregado experimentada pela criança nessa situação não se apresenta em nenhuma outra de seu cotidiano de criança que não trabalha. As relações na escola e na família, onde a criança estaria submetida a uma autoridade adulta, são atravessadas por uma lógica diferente da que se observa nessa outra de patrão/empregado. Assim, no primeiro tipo, as posições hierárquicas estão (ou devem estar) atravessadas pelo afeto ou por um interesse específico no desenvolvimento da criança. Não se espera desse tipo de relação (se tudo correr bem) que ela se desfaça, por exemplo. Já no segundo tipo, coisa muito diferente acontece — a criança recebe um salário em troca de um determinado desempenho. A relação cessa se esse desempenho não satisfizer mais ao patrão. Ainda assim, podemos pensar que esse tipo de relação esteja prevista no que o estatuto determina como "função de aprendiz". O problema apresenta-se na medida em que o desligamento da criança de sua atividade na televisão pode ter conseqüências muito mais definitivas do que uma eventual mudança de escola, por exemplo. Deixar de trabalhar na mídia (mesmo se encaramos esse trabalho como o de um aprendiz) significa perder privilégios, um determinado status social e dinheiro. Muitas vezes significa viver uma sensação de fracasso em oposição ao sucesso e perder assim todo o glamour que envolve a atividade. A peculiaridade de tal trabalho como aprendiz fica, assim, caracterizado pela especificidade do próprio papel que a mídia tem em nossas vidas contemporâneas.

A tendência da criança é a de se relacionar pelo afeto, o que pode gerar muita desilusão e alguma distorção. Ser dispensado de um trabalho ou ser admitido nele não é conseqüência de ser querido ou não, mas isso muitas vezes se confunde na cabeça da criança. Outras vezes, a criança acaba vendo nos próprios responsáveis a figura a quem se remetem como seus superiores hierárquicos. Essa também é uma distorção. Na realidade, no cotidiano dos bastidores, a criança tem muitos chefes/patrões. Existe uma hierarquia entre eles, e ela percebe isso muito rapidamente, mas, ainda assim, de uma forma geral, os adultos mandam e as crianças obedecem.

Essas relações, que se caracterizam como relações de trabalho, no entanto, não anulam a situação de aprendizagem. A frase "A televisão é uma escola", tão

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

recorrente entre profissionais das áreas audiovisuais, ganha, no caso das crianças, concretude e relevância. Se levamos em consideração o ECA, devemos dizer que, para essas crianças, a televisão não só **é** uma escola como **deve** sê-lo, pois é isso que justifica a sua presença lá. Resta perguntar, então, que tipo de escola o trabalho na televisão passa a ser para a criança.

De acordo com essa experiência do campo, não poderíamos dar uma única resposta. Isso porque o que vivemos indica que podem variar muito as experiências que a criança vai ter em seu percurso. Se fôssemos pensar em termos de linhas pedagógicas, poderíamos dizer que a criança pode ser submetida aos métodos mais tradicionais de aprendizagem e aos mais alternativos, dependendo das visões que as pessoas que convivem cotidianamente com ela tenham sobre o que seja ensinar ou lidar com crianças.

Um dos programas em que trabalhei sofreu uma mudança: praticamente toda a equipe foi sendo gradativamente modificada, começando pelo diretor geral. Depois de um ano e meio trabalhando com as mesmas pessoas e o mesmo esquema de produção, as crianças se viram obrigadas à novas adaptações e a um método totalmente diferente de trabalho e aprendizagem.

Enquanto o antigo diretor geral reiterava em todas as reuniões de equipe que as crianças eram sua prioridade no que diz respeito a horários e organização, exatamente por entender que tinham suas peculiaridades por serem crianças, a nova direção abre sua primeira reunião de equipe com a frase:

"Criança, quando entra na televisão, tem que virar adulto".

Não queremos fazer um julgamento de qual dessas visões é melhor ou pior. Pretendemos, antes, indicar as diferenças que podem existir em equipes distintas. Essa diferença no discurso e na visão que se tem sobre a criança que "entra" para a televisão acaba por determinar experiências completamente diferentes para ela e para o profissional envolvido com ela. Nesse caso, em que permaneci como remanescente da antiga equipe (por mais alguns meses), a diferença se estabeleceu desde o primeiro dia. A fala de Joana (integrante do elenco infantil) ilustra bem com essa passagem foi sentida pelas crianças.

"Antes era família. Agora é só profissional."

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Acredito que o que Joana classifica como "família", em oposição ao "profissional", diz respeito, antes de tudo, à perda das pessoas da equipe que estavam indo embora e com as quais teve um convívio diário por mais de um ano. Sua fala é atravessada, então, pela questão afetiva, ou seja, o conhecido que vai embora e com o qual ela já estava familiarizada, e o novo, que chega naturalmente diferente e, por que não?, ameaçador.

Passado esse primeiro momento de impacto com a mudança, podemos dizer, no entanto, que Joana foi muito sensível em sua observação, se levarmos em conta a comparação do método de trabalho de cada diretor.

AÇÃO!

Crianças e adultos gravavam uma cena onde o áudio não apareceria, mas apenas a imagem de todos reunidos ouvindo um deles, que contava algo. Essa cena foi repetida de várias maneiras, onde, em cada uma, se revezava o personagem que assumia a posição de narrador. O diretor, então, propõe uma brincadeira onde ele dava a cada um dos atores (na sua vez de representar o narrador) uma palavra engraçada, exótica ou diferente, como "escalafobética", por exemplo, e pedia que eles improvisassem a contação de algo que tivesse aquela palavra. A brincadeira foi proposta igualmente para adultos e crianças na cena. Foi um dia especialmente divertido para todos, onde o clima de brincadeira e desafio imperou e todos acabaram a gravação comentando como tinha sido prazeroso aquele momento do trabalho.

CORTA!

AÇÃO!

Gravação de uma cena onde havia alguns brinquedos e bonecos. Maria esperava o momento de gravar brincando com eles e, distraída, não ouvia os apelos da produção para que mudasse de posição. O diretor vai até ela, senta-se ao seu lado, e muito delicadamente explica:

Diretor: *Maria, eu sei que você quer muito brincar mas aqui não é lugar nem hora para isso, tá, meu amor?*
Maria: *Tá bom, desculpa.*

CORTA!

Estes dois fragmentos foram colocados como uma tentativa de ilustrar as diferenças de método entre os dois diretores. O primeiro é o mesmo que reiterava na reunião a centralidade das crianças (e suas demandas específicas) na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

organização da produção. O segundo fragmento é do novo diretor que acredita na necessidade de a criança se comportar como um adulto quando entra para a TV.

Na primeira situação vemos que a aprendizagem se dá na brincadeira, entre adultos e crianças compartilhando um mesmo brinquedo, onde as últimas têm, inclusive, a oportunidade de presenciar adultos experientes em seu ofício de interpretar, no difícil exercício do improviso. Ao mesmo tempo, vêem-se desafiadas a fazer o mesmo que eles. Sobretudo, está presente a dimensão do prazer compartilhado no exercício do trabalho e da aprendizagem. Esse era um diretor que ouvia muito as crianças, inclusive aceitando sugestões de marcações de cena e mudanças de texto. Sua trajetória profissional tinha um longo histórico de trabalho com crianças em teatro e na própria TV. Podemos dizer que se tratava de um diretor que parecia não ter receio da característica "bagunça infantil", e talvez por isso mesmo os limites eram colocados muito mais através desses jogos do que de maneira direta.

Na segunda situação vemos que o diretor acredita num diálogo franco e direto com a criança, em que apresenta a realidade daquela situação: ali não é lugar de brincadeira. A disciplina e a concentração exigidas na atividade das crianças são exigidas de forma direta num diálogo entre o adulto que lidera, e a criança que deve obedecer. Ele reconhece o desejo da criança, mas coloca um limite àquele desejo. Tratava-se de um diretor tecnicamente muito bom e organizado, com um *set* de gravação muito bem estruturado. Isso não quer dizer que tal diretor não brincasse com as crianças. Nos intervalos, era possível vê-lo correndo ou brincando de "pique" com elas, se fosse convidado para tal. No entanto, a brincadeira funcionava mais como um "recreio" (um momento de intervalo) do que um instrumento de trabalho. De alguma forma era como se dissesse que existia a hora para ser responsável e "adulto" e a hora de brincar e voltar a ser criança. Assim, a aprendizagem que acontecia nessa situação justificava a percepção de Joana como algo "profissional".

Se levamos em conta a distinção feita anteriormente por Joana e Maria entre o que é "chato" percebido como trabalho e o que é "legal" associado à diversão, podemos dizer que sua distinção entre ser "família" e ser "profissional" segue a mesma lógica — a do prazer e a do desprazer. Na segunda situação o prazer, a brincadeira, ficam restritos ao momento do intervalo. Mas tanto em uma situação quanto em outra não deixamos de ter aprendizagem. Assim, aprender

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

brincando aparece, obviamente, como algo mais sedutor. No entanto, a aprendizagem de uma postura profissional se faz, também, imprescindível. Devemos lembrar que nos bastidores não transitam apenas crianças, mas centenas de profissionais adultos envolvidos nas mais variadas funções e responsáveis por elas e por seus objetivos. Não há como priorizar a criança o tempo todo, e em alguns momentos é preciso, sim, que ela consiga ter uma atitude mais adulta, no sentido, por exemplo, de saber adiar o seu prazer e suportar a frustração. É parte de sua escolha por estar ali, e, se acreditamos que a criança tem capacidade para deliberar sobre suas escolhas na vida, temos de levar isso em consideração. Tal constatação nos leva a pensar que o processo de aprendizagem no trabalho artístico da TV deve ter uma grande dose de equilíbrio entre o "aprender brincando" e o "aprender profissional".

AÇÃO!

Conversa com Joana e Carlos no intervalo de gravação no estúdio, logo após as mudança de equipe do programa.

Psicóloga: *O que vocês fariam se fossem o presidente desta empresa e quisessem fazer regras para o trabalho das crianças na televisão?*
Joana: *Só umíssima coisa: colocaria apenas pessoas que fossem preparadas para trabalhar com crianças, como você.*
Carlos: *Eu concordo. Diretores que sabem trabalhar com adultos trabalham com adultos, e os que sabem trabalhar com crianças trabalham com crianças. Simples.*

A conversa foi interrompida pois era hora de gravar.

CORTA!

Fica claro, nessa fala, que a criança identifica no que chamamos de "aprender brincando" o "saber trabalhar com crianças", uma vez que identificavam o meu trabalho como o de brincar com elas. No entanto, a escuta da voz da criança, em nossa perspectiva, não significa acatar inteiramente o que ela diz. Sua voz deve ser ouvida para que possa se estabelecer o diálogo entre seus desejos e percepções e os dos adultos envolvidos com elas. A intenção não é a de substituir a supremacia adulta pela infantil, criando um distanciamento geracional (como a ideologia identificada por Buckingham no conteúdo da TV, em canais como "Nickelodeon"). A riqueza que vemos na situação dos bastidores está

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

exatamente na possibilidade de diálogo e de troca entre crianças e adultos envolvidos no mesmo projeto. Assim, parece-nos que o mais importante na questão da aprendizagem a envolver o trabalho infantil na TV não é uma questão do método de um ou outro diretor, mas uma visão de que a criança deve ser levada em consideração, tanto quanto o adulto, como agente social de transformação daquele contexto. O mais importante é que se evite nessa situação que a criança seja emudecida e esquecida como alguém que participa ativamente daquele universo. Nesse sentido, essas falas transcritas acima devem ser ouvidas e legitimadas quando pensamos sobre a melhor maneira de ter crianças trabalhando na TV, para que possamos, então, colocá-las em diálogo com as outras vozes que participam de tal contexto.

Podemos dizer que para as crianças, a sua atividade é uma mistura de trabalho com brincadeira, responsabilidade com prazer. Para alguns diretores a aprendizagem e o trabalho se dão através da brincadeira como instrumento de aproximação e até de controle. Outros priorizam a disciplina e o aprendizado profissional em direção a uma conduta adulta. Para nós, é condição que se tenha um ambiente em que a criança seja ouvida e legitimada enquanto personagem daquele cenário social. E para os pais (ou responsáveis), aqueles que, no fim, são os responsáveis pela permissão do ingresso da criança na atividade profissional? O que dizem suas vozes?

AÇÃO!

Conversa com a mãe de Maria numa dia de gravação.

***Denise**: Eu não sei se estou fazendo certo... Às vezes eu sinto como se estivesse vendendo a infância dela. Mas aí eu vejo como ela se realiza, como gosta de vir para cá, de gravar, de dar autógrafo na rua...*

***Psicóloga**: De fato, é uma escolha dura. Principalmente se não for adiante. Vocês pais têm que estar muito atentos, pois a responsabilidade é de vocês mesmos. Você acha que se isto tudo não der certo, se a Maria, depois do sucesso, é esquecida, como já aconteceu com tanta gente, ou então fica doente, vai culpar quem? A empresa? Pode ter certeza de que é em você que ela vai colocar a responsabilidade, porque é você que é a mãe dela... Por que você deixa, então?*

***Denise**: Por que ela quer. Por que quer muito!*

***Psicóloga**: Tá, eu acredito. Mas ela também quer comer um saco de balas por dia e você a proíbe, não é? Por que você acha que faz mal a ela...*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

***Denise**: É verdade. Mas eu não acho que estou fazendo mal, não. Todo o mundo diz que ela tem talento, que nasceu pra isso. Tem dias que eu fico mais assim, em dúvida... mas no geral acho que é bom, sim.*

***Psicóloga**: Eu acho que vocês devem sempre se perguntar para quem é bom, se para eles ou para vocês mesmos, que ficam orgulhosos...*

***Denise** (ri encabulada): Acho que é um pouquinho dos dois. Mas eu estou sempre conversando com ela e repetindo que ela não precisa disso, que no dia que quiser sair é só falar. Ela sempre responde que de jeito nenhum, que adora trabalhar na televisão e dar autógrafo.*

CORTA!

É uma realidade da "infância dos bastidores" — pais que, por lei, precisam acompanhar as gravações e que, por isso, se vêem impedidos de trabalhar e passam os dias como acompanhantes de seus filhos. Se pensarmos que a renda aumenta, por um lado, temos que pensar que diminui por outro. O dinheiro, nesse caso, parece ter menos valor do que a fama e a satisfação narcísica de ver um filho alcançar lugar privilegiado e tão valorizado em nossa sociedade.

No senso comum existe uma percepção de que os responsáveis por essas crianças são, na realidade, irresponsáveis. O jogo de palavras indica a condenação pela exploração que haveria em permitir o trabalho de suas crianças. Nessa conversa com uma das mães o conflito fica claro, pois ela tem consciência desse tipo de percepção. A partir dessa consciência, ela questiona as próprias escolhas. Ela percebe a si mesma como exploradora quando sente que está "vendendo a infância da filha", mas entra em conflito porque vê-la naquele lugar causa grande prazer a ela e à filha. O fato de estar sempre checando se o desejo da filha continua firme e assegurando que ela pode desistir quando quiser não é pouca coisa em tal situação. É um gesto simples que pode fazer toda diferença e garantir para a criança um vínculo com sua mãe que não passa por seu sucesso e que garante a "normalidade" de que falávamos antes.

O "vender a infância" parece indicar, também, que esta mãe reconhece a dimensão de trabalho na atividade da filha. Por outro lado, o talento que todo mundo diz que ela tem, o "ter nascido para isso", pode apontar para a dimensão da aprendizagem. Assim, ela "vende a infância da filha" na crença de que está investindo no desenvolvimento do que é reconhecido como um "dom" e na sensação de prazer e satisfação que esse trabalho traz.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

AÇÃO!

Relato feito pela mãe de Joana (dez anos) — protagonista de um dos programas em que trabalhei — sobre a entrada dela no programa.

***Clara**: Foi uma loucura!! A Joana nunca tinha feito nada além de levar sua vidinha normal (numa cidade média do Brasil), onde ia para a escola, balé, inglês, essas coisas. Eu crio minhas duas filhas sozinhas (é uma mãe bastante jovem), pois o pai delas saiu de casa quando a menor tinha acabado de nascer. Ainda bem que eu conto com a minha família, que também mora lá, a não ser essa irmã com quem a Joana está morando agora.*

Ela fez umas fotos lá na nossa cidade com um fotógrafo que insistiu dizendo que ela era linda e tal. Ele colocou as fotos numa agência, e conhecemos a dona e tal. Ela ligou e avisou do teste para o programa, e a gente veio só por desencargo de consciência, pois achávamos que nunca ia dar certo... Ela nunca tinha feito nada, tinha um monte de criança... Enfim, a gente veio, fez, e quando estávamos na estrada, no caminho de volta, o meu telefone tocou e era uma pessoa da produção falando que queriam fazer um outro teste no dia seguinte. Voltamos, e nesse mesmo dia eles disseram que ela tinha sido escolhida e que precisavam dela já no dia seguinte. Essa minha irmã que mora aqui não estava na cidade na época, e nós fomos para a casa da dona da agência. Na mesma semana a Joana já começou as gravações, e eu tive que voltar para a minha cidade para resolver toda a vida dela, mudança de colégio e tudo. Eu não podia me mudar por conta da minha outra filha, do meu trabalho, meu marido. Nessa semana a Joana ficou na casa da dona da agência enquanto eu organizava a vinda dela pra cá. Ela ficou lá sozinha, e eu sem saber direito o que fazer. Minha irmã, que mora aqui, chegou de viagem e resolvemos tudo, da Joana passar a morar lá na casa dela. Esta irmã mora na zona nobre da cidade e é de classe média alta. Ela foi estudar numa escola ali perto, e agora eu tenho que ficar nessa vida dividida entre as duas cidades e as duas filhas...

***Psicóloga**: Você acha que vale a pena isso tudo?*

***Clara**: Olha, eu fico muito em dúvida, mas ela está amando isso tudo, e toda vez que eu me aborreço com alguma coisa do programa que acho injusta e falo que vou tirar, ela fica desesperada, e a minha família fica me pressionando para não tirar. Acho que se eu fizer isso eles me matam! Ela escolheu isso pra ela, e eu tenho medo de tirar e depois ela crescer e vir me dizer que eu fiz ela perder a oportunidade da vida dela!*

CORTA!

Nesse relato vemos uma outra dimensão do trabalho, que aparece com freqüência no discurso dos pais e responsáveis — o da oportunidade. A oportunidade que vêem, "a oportunidade da vida", é de trabalho, muito mais do que de aprendizagem. Mesmo diante da dúvida e do sacrifício, a mãe tem medo de assumir uma outra responsabilidade, que seria a de negar a chance que parece ter batido na porta da filha. Quando tantos fazem filas em testes e agências, a sua filha foi chamada para o "Olimpo", não procurou por ele. Numa sociedade como a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

nossa, que valoriza tanto o trabalho na mídia, é difícil mesmo resistir a tamanha tentação, e o medo passa a ser o de, numa decisão contrária, ser culpada pela perda de tal oportunidade. Como "oportunidade da vida" o trabalho na mídia é percebido como a possibilidade de grandes transformações, um marco que pode ser o "divisor de águas" na vida de alguém. Em se tratando de uma criança, devemos concluir que a expectativa é a de que, se tal chance der certo, a carreira dela durará por muito tempo. Já sabemos que, apesar da trajetória vitoriosa de alguns artistas, tal destino não se aplica à grande maioria das crianças que entram nas filas dos testes. Entrar para o "Olimpo" é muito mais difícil do que sair dele, e manter-se nele é trabalho árduo ou conseqüência de muita sorte. Essa dimensão, contrária ao *glamour* que envolve esse tipo de atividade, fica totalmente em segundo plano diante da oportunidade. Diante dela vale a pena permitir que a criança corra o risco das conseqüências de viver a sensação de sucesso e fracasso tão cedo. Vale a pena mudar de cidade e de vida. Ela está, afinal, onde a maioria dos "normais" gostaria de estar.

Sérgio Adorno (1993), falando sobre o trabalho infantil,[14] diz que, quando este se configura como subsídio importante ao trabalho familiar, a família, originalmente o lugar primeiro de socialização da criança, acaba se subvertendo "para justamente apoiar-se no universo infantil. É como se a família fosse socializada pela criança e não o contrário" (Adorno, 1993, p. 192).[15] É o que o autor chama de "socialização incompleta" (*Idem*) onde se subverte o papel identitário da criança, com o ingresso no mundo adulto do trabalho. Nessa situação, potencialidades e capacidades próprias da idade adulta são ampliadas e estimuladas, enquanto "energias próprias à fase infantil" (*Idem*) devem ser reprimidas. "Trabalhadora, deve aprender a dura disciplina do trabalho e relegar ao esquecimento o caráter lúdico do modo de ser infantil" (*Idem*).

A situação familiar que Adorno foca e o tipo de trabalho que descreve não se encaixam exatamente em nossa situação de campo, mas ainda assim oferecem

[14]Ainda que ele esteja discutindo o trabalho de crianças muito pobres que não têm alternativas a não ser a delinqüência, acreditamos que algumas colocações se apresentam como questões pertinentes ao nosso caso.

[15]"Evidentemente, trata-se aqui de um recurso metafórico, porquanto a socialização das crianças é produto de sua interação com os "outros" e com os seus pares, em uma relação dinâmica e dialética de mútuas influências entre diferentes mundos. Ao mesmo tempo em que recebem influências externas, influenciam o mundo externo, colocando-se diante dos outros e firmando sua presença no espaço de realização social. Vide Berger & Luckmann (1972)" (nota do autor).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

material de reflexão. Aqui a questão é menos a do dinheiro e mais a da oportunidade, como dissemos antes. Assim, as crianças reconfiguram as famílias, porque elas passam a ser o membro famoso, porque a elas foi dada a oportunidade de entrar para o "Olimpo" tão valorizado socialmente. Além disso, muitas vezes, o trabalho do responsável acaba sendo substituído pelo trabalho de acompanhante da criança. Em outros casos a criança passa a ganhar realmente mais do que os pais; em outros ainda, seu dinheiro serve para ajudar na casa. Enfim, a fama e a remuneração da criança da mídia acabam por reconfigurar os papéis dentro de casa, dando a ela um papel familiar central. A questão identitária referida pelo autor também aparece na experiência dessas crianças que vivem ao mesmo tempo a realidade de ser criança e a exigência de competência adulta. Como vimos, as diferentes experiências vividas nos bastidores podem ora privilegiar sua condição de criança, ora a sua necessidade de uma maturidade precoce. Em algumas situações, os dois discursos aparecem ao mesmo tempo, e a criança é vista numa mesma situação: como menos capaz do que o adulto (e por isso deve obedecê-lo) e como representante de uma grande responsabilidade relativa ao seu papel naquele contexto.

AÇÃO!

Conversa com Maria e depois com Fernanda (produtora do programa), que nos interrompeu. Essa produtora fazia parte da nova equipe que entrou no programa. Maria entrou no camarim nitidamente chateada.

***Psicóloga**: Por que você tá chateada?*
***Maria**: Por que agora eu não posso mais fazer nada! É não, não e não toda hora (começa a chorar). Eu queria brincar mais um pouco na grua e o diretor deixou, mas a Fernanda, não. Ela disse que ia me deixar presa. A minha personagem não esta mais a mesma porque tá tudo diferente. Essa personagem foi a Valéria (atriz que ensaiava as crianças e que trabalhava em parceria comigo, também substituída na mudança de equipe) que tirou de dentro de mim, porque ela brincava, era legal. A Clarissa (atual profissional destinada ao trabalho) nem fala direito, não dá carinho. Só você agora.*

Expliquei que a grua era perigosa e que provavelmente a Fernanda estava preocupada em não deixar ela se machucar...

***Maria**: A Fernanda é má. Ela gosta do diabo e já chutou a Ave Maria.*
***Psicóloga** (incrédula): Quem te disse isso?*
***Maria**: Eu ouvi por aí...*
***Psicóloga**: Você tem medo dela?*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

***Maria**: Tenho.*

Fernanda entra no camarim e pergunta o que houve com Maria. Maria engole as lágrimas e mente dizendo que caiu.

***Maria**: Não aconteceu nada. Eu tava correndo e caí.*
***Fernanda**: Viu? Eu falo pra vocês não correrem. Aí se machuca. Maria, eu tenho que te falar uma coisa, um segredo. Presta atenção. Todos os personagens desta história (lista um por um) é o seu personagem quem carrega. Ele é o personagem mais importante e não é qualquer um que sabe fazer que nem você. Por isso toda essa gente que você vê aqui trabalhando é você quem carrega. Se acontece alguma coisa com você (lembra quando você ficou doente?), dá a maior confusão e você tem que gravar mais ainda depois... Se o programa acaba, fica todo mundo sem trabalho...*
***Maria** (interrompendo, petulante): Ah... É só por isso que você tá preocupada? Fernanda, posso te fazer uma pergunta? Você acredita em Deus?*
***Fernanda**: Acredito. Mas de um jeito diferente. Eu acredito que ele esta em todos os lugares: na árvore, na chuva... Não que ele é um velhinho de barba branca.*
***Maria** (desafiadora): Ah, é? Quando é que você fala com ele?*
***Fernanda**: Qualquer hora que eu quiser, e você?*
***Maria**: Eu rezo antes de dormir. Você acredita no diabo?*
***Fernanda**: Não.*
***Maria**: Você tem medo, não?*
***Fernanda**: Não. Eu não faço nada de ruim, não sou ladra, nem nunca matei ninguém.*
***Maria**: Claro, se você fosse ladra, você não estava aqui, né?*

Fernanda é chamada no rádio e sai às pressas.

***Maria**: Consegui perguntar o que eu queria!*
***Psicóloga**: Viu? Ela nem acredita no diabo...*
***Maria**: Ela tá mentindo. 'Cê acha que ela ia falar assim?*

CORTA!

Desse fragmento podemos discutir vários aspectos das relações que se estabelecem entre crianças e adultos nos bastidores. Fernanda, a produtora da nova equipe que chega com o discurso da criança que deve virar adulto, coloca Maria em dois papéis simultâneos no mesmo diálogo: ela é a criança que deve obedecer para não se machucar e também a personagem que carrega todo o trabalho da equipe. Fernanda, em seu discurso, apela para que Maria seja ao mesmo tempo a criança tutelada, que não é capaz de cuidar de si mesma, e a criança responsável e que deve assumir uma responsabilidade adulta da consciência de seu papel social, central naquele contexto. Impressiona a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

perspicácia de Maria, que "pesca" o verdadeiro "segredo" (algo que é revelado como segredo por parecer a Fernanda ser um assunto do mundo dos adultos), no discurso da produção: que ela se preserve porque é peça fundamental da engrenagem. É difícil saber se tal consciência (mesmo que pareça um fator de grande desilusão em relação ao afeto que as crianças esperam dos adultos) é prejudicial ou benéfica nesse contexto. De alguma forma, Maria parece ter um instrumento a mais de proteção operando com essa clareza. Assim, saber-se parte da engrenagem coloca as relações em seus devidos lugares, ainda que, nesse caso, sobressaia o seu caráter profissional.

A raiva e o medo representados pela imagem de pessoa que "gosta do diabo e já chutou a Ave Maria" podem aparecer aqui tanto como reação à frustração de não ter um desejo atendido (brincar na grua), quanto pela consciência adquirida de que está ali a trabalho, e não numa brincadeira em "família", como as crianças representavam o convívio com a antiga equipe.

Ainda há um outro aspecto que parece relevante nesse fragmento e que se repete no discurso das crianças: elas preferem trabalhar num ambiente que lhes pareça mais brincalhão, mais familiar, menos profissional. Assim, Maria relaciona a qualidade de seu desempenho à qualidade das relações com suas "professoras" naquele contexto. Onde há "carinho" e brincadeira ela reconhece haver, como conseqüência, um melhor desempenho de seu personagem. Na simplicidade de suas palavras vemos a realidade, afinal, de qualquer ser humano que executa melhor sua atividade onde há prazer.

Sendo assim, pode-se concluir que, do ponto de vista das crianças, num ambiente onde prevaleça a linguagem lúdica como instrumento de interação entre adultos e crianças, prevalece também o seu melhor desempenho enquanto trabalhadores e aprendizes. Temos aqui, a partir da visão que expusemos anteriormente sobre a criança e o relacionar-se com ela, uma tendência à conclusão semelhante, com a ressalva de que uma certa dose de profissionalismo (algo como um princípio de realidade em oposição ao princípio do prazer) se torna imprescindível como instrumento para transitar num ambiente, legitimamente, também povoado por adultos e suas demandas específicas. A busca desse equilíbrio só é possível se abrimos a possibilidade de um real diálogo entre adultos e crianças, um diálogo onde eles possam se transformar mutuamente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA

Diante de tal panorama a pergunta inicial — a experiência se caracteriza como trabalho, aprendizagem ou brincadeira? — aponta para algumas respostas e também outras perguntas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0212084/CA